

Efeito Colateral

CAPÍTULO I

- Fiquei nua no pau-de-arar, levei choque na vagina. [...] Nos outros dias, a gente ouvia os gritos, as ameaças... Você vê o chão todo sujo de sangue... Nos amordaçavam para não gritarmos quando levávamos o choque. [...] -

Ana Maria Ramos Estevão,

Membro da Igreja Metodista em Vila Nova Cachoeirinha, em São Paulo, ex-aluna de Teologia no Instituto Metodista, líder de jovens metodistas.

- Sua puta fedorenta! Imunda!...

Ofegando como um porco, todo suado, com uma camisa socialnojenta, aberta até o peito, que mostrava parte do busto “*marombado*”, um fedor de cebola cortada guardada aberta na geladeira, misturado com o de sangue podre da sala de tortura, minhas fezes e urina pelo chão, e mais o corpo daquela criatura grotesca roçando no meu, supera todo o meu vocabulário para o nível de asco.

As mangas arregaçadas e ele segurando com a mão aberta, os meus quadris, quase rasgando a minha pele, com aquelas unhas ásperas, uma mão áspera, acho que de empunhar pistolas e fazer essas coisas vorazes com as pessoas.

Eu sentindo-o entrando e saindo de mim com a maior grosseria que já vi em alguém, ele quer me machucar. E está conseguindo. Estou com o intestino preso há dias, de tanto medo, ansiedade, nojo da privada da cela e de tanto ter sido sodomizada nos últimos dias.

Sinto bater lá no útero, não consigo relaxar, estou toda contraída, amarrada como um porco, dependurada pelos joelhos e cotovelos, unidos, no famigerado, pau-de-arara, que eu imaginava que era cruel, mas não imaginava quanto.

Nesse momento, o que mais sinto é dificuldade para respirar. Dependurada no pau de arara, com a cabeça pra trás, tendo que ter o maior cuidado pra segurá-la. Estou com um torcicolo horroroso.

A minha cabeça parece que vai explodir, a todo momento fazer um grande esforço para não engasgar com a saliva, não dá para, sequer, repousar um pouco o pescoço.

A respiração pelo nariz também ficou difícil... E já vejo tudo embaçado...

Ele não para. Uma estocada atrás da outra com frenesi. Posso sentir cada pulsada que bate lá no fundo como uma pancada no coração. Tudo dói, parece que até os rins doem, sem contar a posição, terrivelmente desconfortável.

Eu aperto meus dedos contra a palma da minha mão, contorcendo-os, fechando e abrindo, esticando e flexionando, não sei com qual objetivo, mas simplesmente é uma reação das dores.

As vezes sinto uma mais forte que é como se uma agulha penetrasse a minha nuca, depois de percorrer um frio na espinha desde o começo.

As minhas costas já estão adormecidas, e dor muscular na lombar é extrema, e não há posição confortável.

O roça-roça da corda nos meus pulsos já os esfolaram quase que por completo, era possível ver a corda colorando de vermelho e depois ficando preta.

Os ossos dos meus antebraços doíam agoniosamente por suportar o peso do meu corpo em movimento.

Tem horas que parece que o meu antebraço vai estourar!

Eu tenho sede! Muita sede, havia horas que não tomava água, e já tinha suado tanto...

A minha boca colando, com meu coração disparado. Tantas dores absurdas que mal consigo verificar todos os lugares que doem no meu corpo.

Eu não estava sozinha na sala. Meus amigos também estavam comigo, e todos eles, às vezes, não conseguia distinguir, se estavam com olhar de atônitos para aquela besta doentia, ou apavorados.

- Todos nus! - Foi a primeira coisa que nos foi ordenada por um soldado que recepciona os “debutantes”, como eles gostam de chamar, na sala de tortura.

A gente ficou estarecido com a ordem. Não surpresos. Ao mesmo tempo sim. A gente sabia que essas coisas aconteciam em larga escala e como padrão.

Mas é tipo aquela coisa de pensar, que o câncer só ataca a garganta do vizinho fumante, não a tua, que fuma mais que ele...

A Day estava na frente. Foi primeiro pra ela que ele olhou. Com um olhar feroz, assustador, penetrante, decidido... Um olhar que mais parecia um buraco negro capaz de arrastar para dentro de si toda a luz que houvesse em qualquer lugar.

A barba bem feita, uma farda bem engomada e um sapato lustrado, para decorar o contexto tenebroso.

As mãos para trás, postura imponente, veio se aproximando de nós vagorosamente.

- Você não ouviu? Sua cadelinha comunista! – Gritou, e deu-lhe um tapa no rosto, na altura da bochecha que deixou a marca dos dedos bem visivelmente, de vermelho, no rosto dela, que tinha a pele bem clarinha, como um algodão.

- Tirem a roupa! – Voltou a gritar.

A gente se entreolhou apreensivo e aterrorizado...

E fomos tirando, envergonhados e de cabeça baixa, nos tremendo como vara verde. Éramos dois casais, eu e meu namorado Pedro e a Day e o namorado dela, o Nando.

Tá certo que a gente já tomou banho pelado, todo mundo junto na cachoeira, na praia, em Bertioga de madrugada e outros rolês que a gente foi, mas isso era totalmente diferente...

Olhar o corpo nu, do outro, com alegria e admiração, e olhar para o corpo do outro sentindo dó pela sua dor, e medo da sua própria são coisas totalmente opostas.

Ficamos ali, de pé, nus, parados, esperando, de cabeça baixa, entreolhando-nos, apreensivos.

Minhas mãos suavam frio, não conseguia fazer o coração bater mais compassado. Minha vontade era de chorar. Eu engolia o choro com medo.

Estava me tremendo muito. Com vergonha de estar nua na frente de um homem que eu nem conhecia, e sabendo que isso era apenas o começo dessa jornada.

A Day tentava engolir o choro, e se tremia de medo, visivelmente. Começou a se urinar.

Eu vi a urina correndo entre as pernas dela enquanto ela ficava de cabeça baixa com vergonha e choramingava baixinho.

O soldado percebeu que ela estava se urinando e gritou de repente, quebrando aquele tenebroso silêncio:

- Mas que porquissse é essa menina!

O grito estrondou o ambiente, todos tomaram um sobressalto do susto.

A Day soltou um grito, contido, de medo na hora que ouviu o brado, acompanhado de um pulo curto. Ao voltar para o chão, patinou um

pouco na urina que estava empoçada sobre o piso de porcelanato acinzentado, mas se fixou em pé depois de algumas pequenas escorregadas.

O soldado se aproximou vagarosamente dela, como um felino, quando percebe que sua presa já está dominada, e começa a brincar com o alimento.

Para na frente dela, ela passa se tremer mais, ele estende vagarosamente e mão direita no sentido do rosto dela que estava abaixado, e direciona a mão para o seu queixo.

Ao perceber, ela se assusta, desvia o rosto e começa a tremer ainda mais e a choramingar em média voz:

- Não me machuque por favor, foi sem querer, eu não queria fazer xixi no chão, só que faz três horas que eu não vou no banheiro, e eu estou com muito medo...

E começou a chorar com soluços, descompassadamente.

- Não fique com medo... – Falou o soldado com uma voz terna, seguindo na investida de apoiar sua mão no queixo dela.

- Shhh... – Se acalme... Não há motivo de você ter medo...

Ele, então, colocou o dedo indicador, com a mão semi estendida na vertical, com o polegar para cima, abaixo do queixo da Day.

- Olhe pra mim...

Ela permaneceu chorando e soluçando.

- Shhh...shhh! Olhe pra mim... – Continua ainda com a voz terna.

Ela vai se acalmando paulatinamente, e em alguns segundos, ele repetindo o mesmo procedimento, o choro compulsivo cessa e sobram alguns soluços, finalizando, descompassados.

Ela se deixa levantar o rosto e fixa o olhar no soldado.

Ele agora não demonstrava mais aquele aspecto grosseiro e frio. Estava com uma certa ternura na expressão facial. Mas não era o que seus olhos queriam dizer.

Aquela expressão era mais parecida com um riso de Monalisa, mas não tão discreto quanto. Era um olhar misterioso...

Mas eu já tinha visto aquele olhar... E nas circunstâncias em que vi, ele é que me fazia mais medo.

A Day tinha os cabelos ruivos meio alaranjados, e compridos até o início o dos quadris. A pele dela, bem branquinha, parecia uma seda.

Apesar de morarmos em Santos, e ser quente boa parte do ano, não tínhamos muito tempo de ficar indo à praia. O curso tomava muito do nosso tempo, e as atividades de militância consumiam o restante.

Aqui e acolá é que conseguíamos fazer alguma coisa juntos. E quando fazíamos, procurávamos nos divertir o máximo.

- Olhos azuis... Você é uma menina linda sabia?

A Day começou a se assustar novamente. Os cabelos compridos dela estavam cobrindo os seus seios. Ele tirou a mão do queixo dela, e afastou os cabelos dela para trás dos ombros, aproveitando, em seu movimento, para passar a mão suavemente em sua pele, de seus ombros até próximo ao cotovelo, lateralmente.

A Day abaixou a cabeça novamente e voltou a se tremer, a soluçar e chorar, como quem tenta se controlar.

Ele pára e dá uma larga olhada em todas as curvas do seu corpo, serenamente. Fica observando seus seios, um, depois o outro.

Desce mais os olhos como quem avalia, minuciosamente, uma aquisição.

Fixou o olhar em seu púbis ruivo. Ela percebe e faz menção de tentar cobrir sua genitália, discretamente com uma das mãos.

Na mesma hora, com a mesma delicadeza com a qual o soldado pousou sua mão no queixo dela, ele afastou sua mão para o lado.

- Não precisa ter vergonha...

Ele foi caminhando ao redor dela e observando detalhadamente o seu corpo. Aqui acolá, era possível vê-lo, discretamente, comprimindo os lábios.

Ele parecia um abutre rondando uma caça morta por um predador, como quem esperasse sua vez de se saciar.

Depois de concluir a volta em torno dela, ele diz:

- Eu não deveria ter marcado seu rosto. Mas... Não é possível voltar no tempo. Não é mesmo?

Ela ficou apreensiva, deu para perceber um traço de reconforto, mesmo que mínimo, em seu comportamento. Permaneceu calada.

Ele levantou a cabeça e olhou para cada um de nós, que observávamos, todos, aquela cena assombrados.

- Não é mesmo? – Repetiu a pergunta, ele, agora falando bem alto e com firmeza, como quem se dirigisse a um batalhão.

Aquele peito empinado de macho alpha do rebanho. Pelo o menos, daquele rebanho, naquele momento.

Permanecemos calados.

- O que é? Perderam a língua? Insetos comunistas, não respeitam a ordem, a disciplina, gostam de zombar da nossa cara! Mas não se preocupem... Aqui é o lugar onde vocês aprenderão uma coisa que seus pais não ensinaram a vocês, e aquele reduto de maconheiros que vocês chamam de Universidade, ampliaram o seu desprezo por ela em vocês! Disciplina!

Então, virou as costas e voltou para o assento em seu birô, próximo à porta.

Pedia a Deus para que aquilo acabasse ali, que parasse apenas na tortura psicológica, que já era terrível, mas, pensava eu, que era menos dolorida, e mais fácil de se recuperar. Isso era o que eu pensava.

Éramos estudantes, tínhamos entre dezenove e vinte anos. Estávamos no segundo semestre de Ciência e Tecnologia do Mar. Ainda estarecidos pela nossa

aprovação na Universidade Federal de São Paulo, e curtindo tudo aquilo.

Ainda relembro quase todos os dias dos momentos do trote...

Sempre me vem um riso à boca quando me lembro do dia do trote!

Os veteranos com a cara manchada de tinta na frente da faculdade perguntando:

- Cadê as BIXETE!

Um mega-fone na mão, chamando quem era calouro do curso de ciências do mar.

- Cadê os “bichos do mar”.

Bicho é como são chamados os calouros de cursos universitários. Talvez seja engraçado!

Aquele dia foi muito cômico, a gente entrou junto para fazer a matrícula, e um pegou sua senha na sequência do outro.

Assim que entramos, no dia da matrícula, que começaria as quinze horas, não tinha fila, nem nada, nem tinha senha para pegar, nem ninguém sabia por onde começariam a distribuir senhas, nem, qual o critério.

E estávamos lá, nós, a esperarmos. E ficamos conversando a respeito de diversas coisas, mas, mais aturdidos mesmo era com as instalações da nossa Universidade, que é a terceira melhor da América Latina.

Aquele clima universitário maravilhoso! Várias pessoas de diversas mentalidades naquele mesmo lugar, diversas pessoas defendendo diferentes tipos de coisa, cada um à sua maneira.

Gente do movimento LGBT, feminista, Movimento Negro, juventude de diversos partidos, que agora estão proibidos, mas permanecem funcionando na clandestinidade.

E o interessante era analisar o estereótipo do estudante de cada curso.

Quando a gente via um sujeito marombado, bonitão, todo cuidado, o cabelinho cortado, barba feita, aquele gato, a gente já sabia... Educação Física.

Esses aí estavam sempre sorridentes, dispostos contando piadas...

Sabe aquele tipo de disposição que só de ver já dá preguiça, e quando você começa a conversar, dá um misto de vontade, inveja, preguiça e cansaço?

Era bem essa a galera do curso de educação física. Adoram se movimentar!

A turma de psicologia já era a turma “*diferentona*”, sempre procurando a sintonia com a natureza, a mente e o sentimento das pessoas.

Aquelas meninas com aquelas saias Hippies bem maneiras que, provavelmente, vão acompanhá-la por toda a vida, porque, por mais que as pessoas taxem isso como estilo de adolescente se vestir, é não...

Chama-se jeito próprio de ser feliz!

Sim, cada qual com seu estilo, livre para pensar como quiser, pelo o menos, pensar, ali, mesmo que aos trancos e barrancos, ainda era possível.

A reitoria conseguia manter as coisas nos eixos com uma política firme de repressão à violência e à intolerância de pensamento, ao menos, dentro do contexto acadêmico.

E cada um era feliz ao seu jeito... Ou infeliz. Mas o ambiente era muito agradável... De fato!

O trote começou, e cada um era apadrinhado por alguém.

O meu apadrinhamento para o trote foi algo extremamente interessante e atípico.

Eu digo que fui abduzida! Eu estava saindo pela porta principal da Universidade quando senti uma mão forte, porém suave pegar pelo meu pulso direito.

Me virei assustada! Quando viro, o que vejo? Um garoto bonito, alto, sei lá, deveria medir mais de um metro e oitenta de altura!

Pelo visto era playboy, roupas de marca, um par de óculos-de-sol bacana, Nike no pé. Um sorriso trabalhado esteticamente, pele macia, como um veludo. No rosto, uma espinha sequer...

Mas no que mais me delicieei foi naqueles olhos verdes e profundos que ele tinha. Um olhar pretensioso, confiante, dono de si, na hora que ele me olhou fundo nos olhos, ele já sabia que eu era dele, por mais que eu dissesse “não”.

Ele permanecia segurando meu braço com aquela firmeza na mão, como quem não fosse soltar. Sorrindo pra mim com aquele sorriso branco, maravilhoso, como que me hipnotizando.

Os olhos verdes dele brilhando, sob o sol no verão de Santos. As folhas verdes balançando nas árvores ao redor, em harmonia com o cantarolar dos pássaros, naquela tarde maravilhosa.

Eu olhava para as maçãs rosadas do rosto dele, as pontas das orelhas, vermelhas, também, do sol, naquela pele dourada de garoto que vive pegando onda em Maresias.

Pra não “dar bandeira” olhava para o busto dele meio de rabo de olho, de vez em quando, quando ele dava uma brecha.

Mas parecia que ele só dava essa brecha pra eu poder fazer isso, porque ele percebeu que eu não estava tão confortável.

Claro que não estava confortável! Eu estava, simplesmente atônita! Essas coisas não acontecem comigo! Pelo o menos, não até agora...

Eu me assustei pela constância com a qual ele segurava meu pulso, então, puxei devagar o braço, e olhei para o meu pulso, ele instantaneamente o soltou e disse:

- Ah... Desculpe, é que, inconscientemente não queria de soltar. – E riu, parecendo ter ficado sem graça. – Você é caloura? De qual curso?

Eu confesso que eu meio que não entendi o que ele falou. Eu estava tão entretida em observar-lhe que só quando ele estava terminando de mexer os lábios, e se calou, é que eu pude perceber pela entonação que ele havia me feito uma pergunta.

- Desculpe, o que você perguntou? - Eu disse a ele, meio sem graça por não ter prestado atenção.

Ele deu aquele risinho confiante e falou com uma voz macia:

- Perguntei se você é caloura, e de qual curso.

- Sim, sou caloura, do curso de Ciência do Mar.

- Ahhh! Você é “bixete do mar”! Eu sou veterano do mesmo curso! Olha, a gente tá fazendo o trote ali do outro lado da rua. Quer participar?

- Ah... Sei lá... Sempre tive medo dessa história de trote.

- Medo de que?

- Sei lá, tem umas histórias aí de uma galera que morreu em trote, sofreu agressões, violência sexual e etc... Esse povo é meio sem limites...

Eu falei isso e baixei a cabeça. Não sei por que. Sempre fui tão confiante das minhas opiniões!

Eu já tinha como conceito formado com meus amigos de curso que **NENHUM** de nós iria participar do trote. Não precisávamos daquilo para termos amigos na faculdade.

Mas confesso, que naquela hora, que aquele garoto me propôs, eu fiquei balançada de ir. Ué, talvez fosse, realmente, legal!

Talvez eu perdesse a minha única oportunidade da vida de me divertir no trote universitário. E a galera do outro lado da rua, e no cruzamento próximo da Universidade, um dos pontos do pedágio para comprar o “combustível” para a festa, pareciam tão alegres.

Todos pintados com diversas cores de tinta guache, forrados de areia pelo corpo, que daria uma coceira desgraçada, melecados de bebidas que misturaram um bocado de coisa.

Falando alto no Mega-Fone, a festa prometendo se alongar pela madrugada...

- Que isso... Olha, faz assim, pra vc se sentir mais confiante, eu faço seu trote!

E me sorriu com aquele sorriso largo e os olhos pidões, igual ao da Fera no desenho da Disney, quando está treinando o sorriso.

Eu achei engraçado aquele gesto, ele sorrindo pra mim e reclinando o corpo na minha direção esperando aprovação.

- Então você acha, que só porque você é bonitão e me dá uma rosa roubada do jardim do Campus, toda comida de formiga, já é merecedor de minha confiança?

Soltei um sorriso sarcástico e fiquei olhando pra ele, enquanto o olhar dele desbotava um pouco ao perceber uma rejeição momentânea.

Ele olhou para o horizonte, franziu a testa e pensou. Achei aquele gesto lindo. Aquele cabelo meio comprido dele esvoaçando me lembrou um pouco a expressão do Che, só que real, e sem roupa de militar.

Voltou a olhar pra mim e falou assim:

- Ok, vamos fazer o seguinte, não vou pedir sua confiança, mas vamos delimitar os termos do Trote. – E fez uma cara de quem esperava reação para que prosseguisse com a proposta, ou não.

- Prossiga com sua sustentação. – Disse eu, e sorri.

Você só pinta o rosto, e pede dinheiro no Farol para comprar a biritá!

- Ah! Legal, aí eu vou lá pro farol, com cara de palhaça pedir dinheiro pra vocês tomarem cachaça e não pego nem a rebarba? Não senhor! Se eu for, eu vou pra curtir que hoje é o meu dia também!

Eu acho que falei por impulso, na iniciativa de tentar me reafirmar e mostrar que eu não participo porque não quero, mas que também não sou dondoca.

Ora, onde já se viu? Ir para a esquina, pedir dinheiro, levando cantada de tudo que é homem besta, livrando os casados que estão ao lado das mulheres, que dá pra ver a vontade, nos olhos, de soltar uma piadinha, mas se contém, em virtude da fiscalização.

- Ué... Os limites de tudo, são você quem vai determinar... – Ele disse isso com uma cara de quem diz algo óbvio em plena segunda metade do século vinte um. Ainda com tom de proposição, na tentativa de se mostrar mansinho.

Um verdadeiro predador, que muda a estratégia da caça quando vê que sua presa sentiu o seu cheiro e lança fuga curta, obrigando-o a mudar de estratégia para não perder a caçada.

Meus amigos estavam parados ali adiante me esperando. Eu virava a cabeça para trás e olhava para eles, que me olhavam curiosos, os garotos apreensivos.

Não sei se era certo deixa-los ali para me juntar ao trote. Mas era meu dia também, eu já estava meio que cansada de fazer somente aquilo que os outros queriam eu fizesse.

Como se tudo na minha vida já estivesse planejado e predeterminado de acordo com os limites da razão. Eu queria perder a razão, eu queria perder o controle!

E virava o rosto pra ele. Que me despertava vontade de estar perto, aquele furor que eu senti quando o vi. Tipo aquela coisa de amor à primeira vista que a gente acha que sente quando é pré-adolescente, sabe?

Fazia tempo que eu não sentia um “*negócio*” tão gostoso por alguém, tão agradável. Mas, ao mesmo tempo ele me dava um frio na barriga esquisito. Como se eu estivesse sendo ameaçada por algo.

Não sei se por aquela postura segura que ele demonstrava, que mais me fazia desejá-la tê-la para mim do que refutá-la.

Não sei se pela forma brusca que chegou, que ao mesmo tempo que me assustou, me encantou com a rosa, que quando virei atônita para saber quem me segurava, o rosto dessa pessoa estava meio que encoberto por uma flor Zínnia, vermelha, com uma coloração amarela bem viva em diversos pontinhos amarelos no meio.

Ele foi rápido na compreensão, lisonjeiro nas ações e eficaz no planejamento. Achei inteligente da parte dele. Gosto de homens inteligentes.

Ele permanecia ali, após alguns segundos sem minha resposta, esperando que eu dissesse algo.

Olhei pra trás novamente, desta vez mais rapidamente.

Meu amigos me esperavam. Faziam gestos com as mãos, como se me perguntassem o que estavam acontecendo e pedindo que eu me parecesse.

Virei novamente a cabeça para ele, e disse:

- Espera só um minutinho, por favor, que vou ali conversar com meus amigos.

- Ok. – Falou com um tom um tanto insatisfeito, e estendeu o braço esquerdo na direção dos meus amigos, como quem me desse passagem.

- Espera só um minutinho, por favor, que vou ali conversar com meus amigos.

- Ok. – Falou com um tom um tanto insatisfeito, e estendeu o braço esquerdo na direção dos meus amigos, como quem me desse passagem.

Olhei pra ele com cara de gratidão e soltei um sorrisinho com a boca fechada, com olhos de desculpas, ternura e medo de que ele fosse embora...

Mesmo que em algum lugar em mim, eu rezava pra que ele fizesse isso mesmo, pra que quando eu desligasse meu olhar do olhar dele, e virasse as costas, da próxima vez que eu tornasse a olhar pra trás, ele já não estivesse lá.

Que tivesse sido um sonho, que eu estivesse cochilando no banco do ônibus que estava indo rumo à Santos, e qualquer hora alguém me acordaria bêbada no banco do ônibus no Terminal da Ponta da Praia.

Já tive outros assim, mas esse parecia mais real... Se bem que os sonhos, sempre parecem reais!

É extremamente interessante a quantidade de groselha e coisa boa que eu penso num curto espaço de tempo.

Ainda mais quando se está com um baita dum conflito psicológico da vida inteira, pra ser resolvido no transcorrer de alguns segundos, ou minutos... Não importa!

Mas, eu fico pensando, que, parece que isso é mentira de mim pra mim mesma!

Sim! Uma mentira absurda que eu contei pra mim mesma e para as pessoas ao meu redor, apenas para buscar o carinho delas.

E agora, bem... Agora eu estava neste conflito novamente. Olha para a minha situação!

Tudo pareceu, então, ficar em câmera lenta...

Eu me preendi naqueles olhos d'água dele, perdidamente como quem quer se afogar. Num mergulho profundo.

Cada pálpebra dele batendo, a luz daqueles olhos lindos se acendendo e se apagando, naquele sorriso cínico, de quem sabia que eu ia voltar.

Eu, por minha vez devolvia um sorriso de encantamento contido, enquanto meu coração parecia uma bateria de escola de samba, nos despedíamos por alguns instantes... Mas, com aquele medo de que aquele instante fosse o último.

Porque dá medo mesmo, esse tipo de coisa...

Isso já me aconteceu algumas vezes, e nessas algumas vezes, eu sempre fiquei chateada por dias!

A minha vó dizia, que quando isso acontecia, era porque não era pra ser mesmo, porque o que é nosso, Deus coloca nas nossas mãos...

Eu, durante muito tempo, ouvi isso, e acreditei. Mas é tipo aquelas outras coisas que a gente crê quando criança, e que quando cresce mais um pouco, a gente deixa de acreditar.

Mas quando se cresce mais um pouco, e aí já é mais um crescimento transcendental, uma coisa de mente e espírito, não fisicamente.

Quando a gente cresce mais um pouco, a gente percebe que existe.

Mas não do jeito daquela fantasia ridícula, que a gente nem gostava.

Aquela ideia do Bicho Papão... Por exemplo.

Putz! Era só dizer que o lugar era perigoso, e me explicar os motivos, que eu ia entender! Eu não precisava de mais um monstro para aterrorizar meus sonhos!

E agora o que aterrorizava meus sonhos, era o medo de perder aquela oportunidade, de, pelo o menos, passar a tarde de verão queimando no sol quente de Santos, pedindo dinheiro no farol pra beber com os novos colegas, em volta de uma fogueira em uma praia bacana, cantando ao som de um violão!

Mas não era só isso. Minha mente queria me convencer de que era apenas aquilo. Que eu estava cansada do ano inteiro estudando igual uma condenada para fazer aquele maldito ENEM.

Porque não bastava, apenas, fazer o ENEM, era necessário tirar uma baita duma nota para poder PLEITEAR uma vaga!

Mas também, o importante não era, pra mim, nem a vaga! Eu estava cagando pra trabalho!

Por mim, eu me juntava com a primeira galera de hippies que passasse na rua da minha casa e ia embora vender arte na praia.

Aquele diabo daquele curso superior, naquele momento, era puramente desejo dos meus pais de me ver formada, pra que eu arrumasse um emprego, e saísse logo de casa para ele recuperar a esposa dele, que os filhos “tomaram”.

Como se eu tivesse me auto-fecundado, o governo tivesse intimado meus pais para me adotarem, ou pior, se Deus mandasse uma cegonha comigo no bico, ou o Espírito Santo para *cornear* meu pai! Seria apenas a segunda Maria...

E eu seria a verdadeira encarnação do mal ou um erro de profecia por ser mulher e blá, blá, blá! Gostaria de saber onde estavam esses profetas quando o país foi dominado por esses malucos.

E tudo foi passando pela minha frente. Passando... Passando... Até a virada de cabelo, e as mechas cortando o ar, quando eu viro a cabeça, é possível ver com nitidez.

Tipo “sentido de aranha”, sabe? Coisa assim...

Sabe aquele passo pesado? Que quando você pisa parece que ele soa “TUM!!!”. E aquela batida do calcanhar no chão, é bem fácil de se sentir.

Porque parece que ela cria uma vibração no corpo, que começa no tendão de Aquiles , vai passando por tudo o que é nervo.

TUM!

Inevitavelmente, eu olhei para os lados, meio que perguntando pra algo que estivesse fora de mim, “o que vou fazer agora”?

TUM!

A minha panturrilha contraiu um pouco, sei lá, perdeu um pouco de firmeza, e já era possível sentir aquela pequena pontadazinha no ligamento do joelho.

TUM!

Aquela vibraçãozinha insistente, que continuava subindo pelo corpo, amolece a musculara da cocha, logo acima do joelho...

TUM!

Ai Jesus! Agora já começou a ficar pesado respirar...

Aquela vibraçãozinha nojenta, que parece mais uma mosca de varejeira percorrendo minhas artérias, podia até sentir o barulho do zunido.

TUM!

E passa pelo reduto onde as costas mudam de nome, e vai subindo aquele frio horroroso na espinha, começando lá da lombar.

A primeira coisa que eu sinto, quando isso acontece, é de esticar as costas... Ufa...

E aí, dá aquele enrosco na barriga, que parece que o coração usou as tripas para amarrar o estômago, e deixou ele lá preso.

- Tenho que mudar minha expressão de preocupação, de ansiedade! – Tive um sobressalto. Percebi que minhas mãos pareciam derreter, de tanto suor. Coloquei as mãos nos bolsos da minha bermuda jeans, e sequei a mão discretamente.

Comprimi os lábios, arqueei as sobrancelhas, ainda meio sem graça. Respirei fundo e engoli um pouco de saliva que havia se formado no interior de minhas bochechas.

TUM!

Me dou conta que estou a apenas um passo deles.

Então vem o entalo do cuspe da garganta... Os estralinho de pescoço... A respiração funda... Inspira... Expira... Inspira... Expira...

Uhhh... Ahhh... Inspirei fundo e expirei pela última vez.

Durante todo esse percurso em que andava na direção dos meus amigos, eles faziam gestos, como que cobrando minha demora, fazendo caras e bocas, semi-erguendo os braços, lateralmente, com as mãos abertas.

Arregalando olhos, contorcendo o canto da boca, fazendo cara feia, franzindo a testa...

E de repente, num lapso, passaram-se dezenove anos da minha vida pela minha mente.

Pude perceber, naquela espécie, de, “sentido de aranha”, o movimento de levantar o meu pé para dar o último passo em direção a eles.

Desde o espalmar dos pés no chão, o início do levantamento do calcanhar, o da contração da musculatura do peito do pé, o apoio do pé nas pontas...

Milimetricamente visto, enquanto viajei... Me abstraí totalmente de tudo o que estava acontecendo ali, das pessoas que estava vendo, das cores tranquilas das paredes da Universidade, o vento gostoso que entrava pela porta principal do campus.

Era um momento especial na minha vida. Único para dizer a verdade! Minha admissão na Universidade foi a minha chave para a minha mudança para Santos.

Sair daquela cidade cinzenta! Adorável? Sim! Sem dúvida! Mas... CINZENTA.

Com pessoas que cultuam uma vida cinzenta e são infelizes por isso, em todos os lugares, desde o Centro, até as periferias.

Um ritmo desumano que conseguiu ficar ainda pior! Pessoas desumanizadas, amontoadas naquelas conduções, um aperto, um calor que só faz aumentar ano a ano.

Barulho, stress, correria, dinheiro que não vale nada!

Meu pai... Pelo amor de Deus! O meu pai! Eu acho que eu não tive pessoa mais incompreensível e cruel, na minha vida, que aquele cara!

Eu o amo! É fato! Acredito que ele sinta o mesmo por mim, talvez eu não seja somente mais um problema que ele construiu, e pela convivência comigo, ao passar dos anos, criou um vínculo sentimental.

Talvez, depois de eu ter crescido, eu não tenha me transformado em mais uma missão mercadológica da vida dele, como ele demonstra se comportar.

Sério! Eu não entendo qual o motivo de eu ter sido criada a vida inteira, como filhote de felino selvagem!

Por que durante toda a minha existência, não lembro, de uma brincadeira sequer, que meu pai me propôs, que não estivesse me preparando para o mercado de trabalho!

Tudo pra hoje ele dizer todo orgulhoso para os amigos:

- Me esforcei muito para que a Luana fosse uma moça de bem!
Uma moça de família!

Jesus amado! Eu fico pensando o que essas pessoas pensam por família... Essa coisa falida e mentirosa de gente que vive de aparências?

Como meus pais, que não se suportam, não conseguem conversar cinco minutos sem brigar, transam igual porcos, apenas para saciar suas necessidades momentâneas e dormem, um virado para cada lado.

Minha mãe toma calmante tarja preta para dormir.

Imagino que para suportar o barulho dos roncos e dos peidos nojentos do meu pai, que engordou feito um porco atrás de um birô de uma repartição pública pelos seus orgulhosos trinta e dois anos de serviço, como ele gosta de arrotar.

Eu tenho certeza que ele sai com garotas de programa. E talvez, nem seja, apenas com garotas. Já peguei no bolso do paletó dele, alguns panfletos de travestis ali da Avenida Augusta.

Isso foi uns dias antes de eu ter uma das piores discussões da minha vida, com ele.

Por um comportamento, simplesmente, abominável!

Não sei como diabos ele conseguiu a cópia da chave do meu quarto. Detalhe: Eu já havia trocado!

Imagino que ele tenha chamado um chaveiro para arrombar minha porta e fazer uma cópia a partir do miolo. Enfim, ele entrou.

Com o único objetivo de vasculhar todas as minhas gavetas e prateleiras pra encontrar qualquer indício de que eu estava fazendo “alguma coisa errada”!

Eu entrei no quarto. A primeira coisa esquisita que senti, quando entrei no quarto, foi aquele cheiro de virilha suada, que ele deixou no meu quarto, misturado com futum de *Azaro Ônix*.

Isso já me deixou possuída! Me senti, terrivelmente, violada!

- Como pode alguém entrar no meu quarto, trancado, depois de efetuar um arrombamento, com o único intuito de me vasculhar?

Ele tentou deixar imperceptível. Impossível!

Ele poderia entender que um dos motivos de mamãe estar tomando Rivotril, era o fato de ela não se sentir atendida como mulher. E para tentar ser feliz com a “família” que construiu, dedica todo o seu tempo e atenção aos filhos.

Desde que eu sou criança o meu pai tem três rotinas.

Faz a mesma coisa durante a semana, que é acordar resmungando, ir ao banheiro, peidar bem alto para acordar minha mãe (não é exagero).

Ao minha mãe perceber que o seu porco de estimação acordou, ela se levanta, suspira fundo, naquele ar contaminado por aqueles gases de efeito estufa, levanta os olhos para o céu, faz o sinal da cruz, calça os chinelos e vai para a cozinha fazer café da manhã para sua majestade suína.

Ele fala bom dia para nós na cozinha, como um mega-empresário esnobe que responde ao mendigo depois de lhe dar uma esmola para tomar um café pela manhã.

E, simplesmente, senta-se.

Sim. Senta-se! Esperando ser servido pela sua escreva, ama do lar, que ele chama de esposa para os amigos, colegas de trabalho e “irmãos” de sua igreja “pegue e pague”.

Mas, dentro de casa, os nomes dela são outros. Algo como, Vagabunda, Preguiçosa, Inútil, Morta, Louca, Jumenta e etc.

Toma seu café da manhã olhando as notícias no celular e manda mensagens de texto para pessoas que nunca soubemos quem é.

Ele termina, deixa a xícara, o prato, os talheres e a sujeira, na mesa, apenas diz “tchau” e vai embora.

A rotina dos finais de semana, quando não é ir se entupir de massas e outras coisas gordurosas em restaurantes caros, é fazer churrasco na área de lazer do prédio, para contar vantagens para os amigos e ficar olhando as filhas adolescentes dos amigos tomando banho na piscina do condomínio.

Isso enquanto ele bebe um tonel de suco de uva e devora um quarto de novilho sozinho e assiste futebol, com aquele imenso corpo mais cabeludo que o *Primo It*.

Suco de uva porque quem bebe bebida alcoólica, vai para o inferno.

Acho que nem preciso mandá-lo para lá! Acho isso, muito satisfatório... Não quero, de verdade, essa intriga com satanáis!

A terceira mais “brilhante” rotina do meu pai, é ir para a praia no fim do ano. Enquanto ela está lotada, poluída e com aquele fedor horrível de

óleo de soja saturado daquelas barracas que vendem aquele peixe mal preparado na beira da praia.

De vez em nunca, vamos para o Nordeste. Mas ele consegue deixar qualquer paraíso horrível com aquele senso de controle ridículo e de sociedade medieval que ele cultiva na mente.

Eu fiquei calada depois que percebi a invasão do meu quarto. Mas, não fiz alarido. Queria saber onde é que ia dar.

Minha mãe, havia me contado certa vez que ele mandou instalar diversas câmeras no quarto deles. Provavelmente para descobrir se estava sendo traído.

Minha mãe ficou aterrorizada! Porque até os raros momentos de intimidades entre os dois, estava sendo gravado! E se ele, um dia, utiliza essas imagens para chantageá-la?

E se já não o faz?

Ela descobriu uma das câmeras quando desligou a luz do quarto para dormir, e, cinco minutos depois, o celular tocou.

Quando ela foi atender, o brilho da tela incendiou a minúscula lente que estava no olho de uma boneca de pano de estimação, que ela havia me dado quando eu era criança.

Aquilo a deixou curiosa. Boneca de pano não brilha na luz.

Um gelo, de repente tomou seu coração. Porque a imaginação do que fosse já lhe vinha à mente. Vagarosamente, levantou-se da cama, o remédio tinha começado a fazer efeito, fazia pouco tempo.

Mas ela ainda não estava grogue, apenas, sonolenta. Sentou-se na cama, movendo-se maciamente como um gato, temerosa por ele acordar.

E foi, segundo a segundo, deslizando na cama até a borda, sempre apreensiva, olhando para ele, para ver se não acordava.

Sentou-se, finalmente à beira da cama, e parou um pouco para ficar observando se era seguro levantar sem que ele percebesse.

Entre rancos tenebrosos, como se uma criatura alienígena estivesse se transformando, ou um demônio estivesse possuindo um corpo, na sucção do ar, prejudicada por aquele peso moribundo sobre o tórax, e a chiadeira da expiração.

Ele pareceu engasgar-se, momentaneamente, com seu próprio cuspe. Ritual normal. Engasga, escarra, mastiga, engole, respira fundo, bola na cama, desfalece novamente e a sinfonia dos diabos prossegue normalmente.

Neste momento ela parou para ficar olhando-o. Há quanto tempo não fazia isso? Há quanto tempo vem tomando remédio para suportar o insuportável e esperar o dia da morte chegar sem a possibilidade de um dia de felicidade plena?

Ela não tinha raiva dele... Ódio... Minha mãe nunca conservou essas coisas.

Ali, sentada na beira da cama, olhando para meu pai.

Aquele homem inteligente, forte, decidido, implacável, um verdadeiro Alpha. Que nunca demonstrou fraqueza em qualquer situação, por mais que estivesse se borrando.

Sério, trabalhador, de palavra, cumpridor de todos os seus compromissos, fervoroso em sua fé, firme em seus posicionamentos políticos, generoso com quem dele precisa...

Como é que alguém com tantas qualidades não conseguia fazer as pessoas, ao seu redor, felizes?

Talvez seja porque tentar é o pressuposto para conseguir. Pois é...

Minha mãe suspirou fundo e fez uma expressão de desalento.

Talvez ele tente, mas apenas tente do jeito errado.

Ela levantou-se da cama e foi até a prateleira onde estava a boneca, pouco a noroeste da base de sua penteadeira. Ela pegou a boneca, com cuidado, como se estivesse acariciando, tentando se fazer imperceptível, caso houvesse, realmente uma câmera ali.

Não era bom afastar as moscas do cadáver.

Era sem dúvida uma câmera.

Minha mãe, quando me contou isso, chorava! De soluçar!

Nunca mais ela teve coragem de ter qualquer intimidade com meu pai naquele quarto, que não fosse qualquer coisa resumida a um sexo rápido e mecânico, de baixo das cobertas, e, no escuro, somente para satisfazê-lo, quando ele já não o tinha conseguido de outras formas, fora de casa.

Então, quando eu percebi a invasão, fiquei terrivelmente ressabiada!

A partir desse dia, eu deixei até de me masturbar no meu quarto. Simplesmente, até o sono ficou difícil!

Passou.

Dias depois, numa manhã qualquer, prefiro não ficar lembrando essas datas. Sei que era dia de semana, afinal, era um dia com a primeira das rotinas. A rotina semanal.

Ele, depois do ritual porco dele, no quarto com minha mãe, que quando sai de lá, após ele acordar, até fica corada quando respira um ar diferente daquele do quarto, comportou-se, estranhamente, diferente.

- Bom dia família!

Eu olhei pra minha mãe, que me olhou de volta com olhar de surpresa, e respondemos no tom de costume. Aquele desanimado, frio e depressivo.

-Bom dia.

Então ele, animado, falou!

- Alegria família, um novo dia nasce!

Nos entreolhamos novamente, sem compreender o que foi que houve. Minha mãe deu de ombros e continuou a passar o café.

Eu estava pegando alguns ovos na geladeira para fazer uma crepióca de frango pra mim.

Perguntei, então, em tom sarcástico.

- Foi promovido?

- Não. – Ele respondeu, ainda com um sorriso e, aparentemente, animado.

Trepliquei:

- Trocou o carro?

- Não.

- Descobriu um restaurante novo de comida mineira.

- Não filha, algo mais importante! – Disse ele abrindo os braços, como se tivesse inventado a lâmpada.

- Hum... – Apenas dei de ombros e continuei o que estava fazendo.

Fechei a geladeira com os quadris e me dirigi à pia com dois ovos em uma mão e o pacote de massa de mandioca na outra.

Quebrei os ovos e os derramei numa tigela.

Passei a peneirar a goma de mandioca, maravilhosa, que minha amiga trouxe de Sergipe, de uma viagem que fez para percorrer a trilha do cangaço.

Ele continuou:

- Vai ter um evento para jovens casais na Igreja este fim de semana!

E abriu os braços novamente, como se aquele fosse o achado do século! Tipo, a apresentação da peça “Fantasma da Ópera” no *Credicard Hall*.

E ficou, com aquele sorriso, estampado na cara, esperando aprovação.

Eu olhei para a cara dele, com uma puxada do canto da boca, como quem dizia: “Que merda que esse cara quer?”.

Eu sempre tive os cabelos cacheados. E isso sempre foi uma grande vantagem para mim, pelo o menos quando não queria que ninguém me visse, eu jogava o cabelo no rosto, e, pronto.

Desaparecia, como num passe de mágica!

Digo desaparecer, porque quando não vêm o seu rosto, podem te ver fazendo as maiores barbáries! Aquele não é você.

E prosseguiu:

-Vai ser muito legal! Vai ter diversas atividades, gincanas, palestras, música... Tudo!

Aquele entusiasmo dele estava me irritando profundamente! Quem diabos fica eufórico assim para ir para à uma Igreja?

Eu conheço muita gente que vai, por obrigação, com medo de ir para o inferno, outras estão terrivelmente doentes e estão à procura de um milagre, outros têm filhos presos, adictos, alcoólatras e etc... Igreja é tipo uma necessidade, pelo o menos sempre vi assim.

Ou passei a ver assim depois que deixei de ser boba.

Quando o rabo caiu e eu passei a pensar um pouquinho... Talvez...

É um cálculo muito simples de se fazer. Existe mercado nesse mundo até para o que não existe!

Eu, sinceramente sempre tive muita dó de pessoas que têm a fé sincera, e por serem humildes demais, são engabeladas por diversos aproveitadores que tiram o resto de dignidade das pessoas oferecendo-as um milagre que nunca chega.

Mas o que eu vi, dentro da Igreja, até os meus quatorze anos, que foi até quando frequentei, foram três grupos de pessoas.

Esse, das pessoas humildes que são enganadas, e mais dois.

O segundo é o grupo dos falsos moralistas que vêm na Igreja um amparo Institucional para se dizer pai de família responsável e honrado, marido fiel e apaixonado, homem trabalhador, honesto e Cristão, temente a Deus, que jamais cometeria “uma atrocidade dessas”.

Frase que eu já ouvi muito estuprador, aliciador, assediador, corrupto, assassino e, principalmente, estelionatário utilizar.

E o outro é o dos “profetas” que enriquecem e se tornam verdadeiros semi-deuses, super-poderosos, às custas do suor, da ignorância ou da maldade e hipocrisia alheias, ou, tudo isso junto.

-Tá pai, digamos que eu me interessasse por esse tal encontro, e o que eu iria fazer lá, se o encontro é pra jovens casais e eu sou solteira? Arrumar um *crush* evangélico?

Quando eu fiz essa pergunta, o meu pai sofreu uma metamorfose, parecendo que tinha entrado um espírito maligno nele.

Ele desmanchou aquele sorriso e o olhar entusiasmado de pronto.

Não sei se fruto da minha imaginação, ou se realmente vi aquilo, mas juro que a casa foi tomada por uma penumbra, com direito a nuvens negras, raios e trovões, sem contar os morcegos voando.

E ele, já com o tom de voz totalmente transformado me perguntou, com uma voz, dura, seca e áspera. Além de ter ficado mais grave. Creio eu, que, talvez, fruto da tal possível possessão demoníaca.

- Como assim você não tem namorado?

Eu juro, que jamais esperaria essa reação do meu pai. Fiquei atônita! Minha mãe estava passando o café, e também agiu da mesma forma.

Ela estava de costas para nós, porque estava no fogão preparando o café, neste ínterim, a água havia fervido, ela desligou o fogo, colocou o pó na água, pôs o coador no suporte, colocou o café no coador e se virou para nós.

Também atônita, com expressão de interrogação, incredulidade e um misto de curiosidade, apoiou os quadris na pia de granito, com os ombros relaxados e as duas mãos na borda da pia, com metade dos dedos para fora.

Desta vez, ela que perguntou, enquanto eu fiquei olhando pra ele com uma expressão muito parecida com a da minha mãe, mas com algo diferente na mente. Medo!

Ele havia invadido o meu quarto, passei a me perguntar, agora, há quanto tempo ele faz isso? O que ele está tramando.

Não só a minha impossibilidade de fugir daquela situação, como a minha curiosidade em ver o deslinde daquela história, mais a raiva que eu comecei a sentir pelo comportamento abusivo.

Eu queria ouvir o que ele tinha a responder.

Minha mãe foi muito incisiva na pergunta:

- O que está acontecendo Pietro? Onde você quer chegar, e o que está pretendendo?

Meu pai enfiou a mão no bolso da camisa de forma tão violenta, que aquela mão gorda dele teve dificuldades de entrar.

Mas quando ele firmou algo na mão, apanhando o que estava no bolso, ele lançou, furiosamente em cima da mesa da cozinha.

Uma camisinha. Ou melhor, uma das minhas camisinhas que estavam na minha gaveta de calcinhas.

- E o que é isso aqui? Sua vagabundinha? – Proferiu aos berros - Além de sair dando por aí, é você quem leva a camisinha? Você faz mais o que também? Paga o Motel? Com a mesada que lhe dou? Einh, sua putinha barata?

Puxou um pouco de ar e continuou a gritar:

- Aliás, motel não né sua piranhazinha de quinta categoria! Você deve dar no mato com as formigas lhe roendo! Afinal! Você é menor! Não é sua cadelinha?

Parece que ainda não havia sido suficiente.

- Ou então faz pior, não é? Vai lá trepar na casa dos machos com eles, pra eles filmarem você chupando o pau deles e mostrarem para os amigos, é?

Enquanto ele falava, minha mãe e eu, apenas olhávamos estarecidas. Boquiabertas pelo que estávamos vendo e ouvindo. Sabia que meu pai era um sujeito retrógrado e iludido... Mas isso era demais!

- Meu Jesus! – Falou isso olhando pra cima e colocando as duas mãos no rosto em sinal de desespero. É por isso que os garotos do prédio passam por mim sorrindo... Bem que eu desconfiei!

Eu apenas continuava olhando boquiaberta pra ele, junto com minha mãe, sem saber nem o que dizer!

- O Apóstolo havia revelado para mim na semana passada que havia uma pomba-gira na minha casa desarmonizando tudo e levando minha filha para o caminho da perdição!

Eu não sabia se ficava com vergonha dos vizinhos por estarem ouvindo tudo aquilo, ou se ficava com vergonha dos vizinhos pelo vexame que meu pai estava dando... Sabe aquele lance de vergonha alheia?

- Foi pra isso que você se afastou de Deus minha filha? Pra seguir o caminho da prostituição? Da promiscuidade? Do mal alicerçado nas entranhas desta sociedade perdida?

Mas, eu acho que a pior das perguntas foi:

- Você tá cobrando quanto pra sair dando por aí? Sua cadela rameira! Diga!

Essa pergunta eu não aguentei... Aí, foi minha vez de explodir. Peguei a tigela que estava com os ovos batidos e joguei na cara dele. Não sei se felizmente, ou infelizmente, errei. E a tigela quebrou na parede atrás dele.

A agressão merecia uma resposta a altura, agora quem ia gritar era eu!

- Por que? Você quer me comer também? Seu tarado pervertido! É por isso que você está arrombando a porta do meu quarto e mexendo na minha gaveta de calcinhas?

Ele não esperava essa reação minha, agora o gatilho já estava disparado, continuei:

- Você pensa que eu não senti o seu fedor de porco suado, que parece mais luva de pugilista encardida, com esse Azaro nojento que você usa, pairando lá no meu quarto? E isso, apesar da janela aberta!

Ele respondeu em cima:

- Entrei sim porque a casa é minha e quem manda nesta porra sou eu, quem paga suas contas sou eu, aliás, as contas de todo mundo aqui dentro! Vocês só comem porque eu ponho dentro de casa!

Prosseguiu:

- Até esse absorvente que você coloca nessa boceta imunda que você sai por aí para enchê-la de porra, e volta para casa para lavar com a água que eu pago do meu suor, fruto do meu trabalho honesto! Enquanto você vive em orgias por aí!

Coloquei por cima também:

- Quem vive em orgias é você seu gordo hipócrita safado! Você pensa que eu não vi panfleto com telefone de travestis, com a hora do encontro, e o local, anotado com sua letra?

Meu pai ficou chocado com a revelação, perdeu toda a compostura.

- É mentira sua piranhazinha safada! Respeite seu pai!

-Me respeite você! Seu velho asqueroso! Você pensa que eu não vejo você, com seu copinho de suco de uva na mão, nos churrascos aqui em casa de fim de semana, você olhando para as filhas adolescentes dos seus amigos, MINHAS AMIGAS?!!!

Minha mãe, coitada, tomou um susto tão grande, ficou horrorizada, levou as mãos a boca, puxou uma cadeira se tremendo e começou a se dissolver em lágrimas.

Mas, agora ele ia ouvir até o fim!

- Você pensa que eu não sei do seu caso com aquela sua estagiária novinha que você trouxe aqui em casa uma vez, no intuito de fazer dela, minha amiga, só para você ter um álibi para trazer ela pra cá?

O homem começou a se assustar mais, e começou a perceber que se continuasse com as ofensas ia dar mais errado.

- É verdade Pietro? Você fez mesmo isso comigo? – perguntou minha mãe com voz de desalento, se tremendo e com uma forte expressão de sofrimento.

Ele fez menção de que ia falar algo mas eu interrompi de plano.

- É verdade sim mãe! É verdade sim! E tem mais uma coisa que é verdade! Essa camisinha é minha sim! E não tenho nenhuma vergonha de dizer! Eu prefiro me prevenir do que andar fazendo filho por aí, tipo uns e outros que faz e não assume!

E completei:

- Eu pelo o menos sou mulher, e meus filhos, eu terei certeza de que serão meus, e sei que quando os tiver, se os tiver, eu mesma vou cuidar! E não vou precisar ficar escondendo da sociedade nem da família que mantenho de fachada!

Peguei a minha mochila da escola e saí atropelando tudo pela minha frente, abri a porta da sala, a de saída para a rua, bati e saí correndo,

enquanto ele gritava lá dentro, qualquer coisa que eu fiz questão de não entender, mesclado com o choro da minha mãe.

Eu só tinha vontade de chorar. Me esconder e chorar. Não sei se dá para descrever a dor daquele desespero. Uma coisa de abandono, de fragilidade...

Eu saí dali me sentindo a garota mais imunda do mundo. A pior das mais vis e podres prostitutas de rua, daquelas viciadas em craque que se vende por uma pedra.

Até fedorenta, passei a me sentir naquela hora.

Aquela angústia cortando o peito, o centro das costas se comprimindo, relaxar era impossível, conter o choro também. Eu não iria para a escola naquele estado, mas também não sabia se tinha para onde ir.

Eu respirei fundo, havia meio que superado isso, mas percebi naquele momento que ainda não havia conseguido, mas, que naquele momento, de alguma forma, eu tinha poder para isso.

Enquanto tirava o pé direito do chão para dar o último passo em direção aos meus amigos que me esperavam, aproveitei para olhar para trás novamente, ele ainda estava lá.

Eu sempre gosto de me lembrar dessa história, para trazer para o meu consciente, sempre, o porquê de eu ter estudado tanto para entrar numa Universidade Federal fora de Sampa.

Não só estudado, como trabalhado por dois anos em um telemarketing, que chamar de horroroso, seria redundância, ou talvez o composto do nome, acrescido do adjetivo, terrível, juntando cada centavo do que ganhava.

O chato mesmo era só o cansaço de uma ligação caindo por cima da outra, assim que eu terminava uma conversa, sem conseguir descansar.

Mas o trabalho era até legal. Eu vendia revistas da Abril, e, como trabalhávamos vendendo os produtos da editora, tínhamos acesso a todas as edições mensais de todas as revistas.

Então eu me deliciava nas melhores. Quando fui contratada, trabalhei na retenção, tentando convencer clientes desistentes da assinatura a permanecer com o produto.

Juro, aquele foi o melhor treinamento que eu tive para vender qualquer coisa na minha vida. Porque quando eu entrei, ou quando qualquer pessoa entrava lá, pelo menos quando trabalhei, só pegava os piores produtos possíveis.

Sabe, aquelas revistas que ninguém lê e quem contrata se arrepende até o último fio de cabelo? Então... Essas!

E pra eu conseguir ganhar alguma comissãozinha, eu podia cancelar, no máximo, três assinaturas, de cada dez clientes, terrivelmente insatisfeitos e estressados que ligavam para mim para cancelar.

Me lembro que nas primeiros semanas eu chegava em casa derrotada, terrivelmente cansada, física e mentalmente, eu tinha vontade de desistir todos os dias.

Umás três vezes na semana me dava crises de choro terríveis, a ponto de ter momentos de eu me esconder no banheiro, no meu horário de intervalo para chorar.

E pelo o menos uma vez na semana, eu tinha vontade de me jogar de cima do Viaduto do Chá e acabar de vez com aquilo.

Mas todas as vezes que eu chegava em casa e via aquele porco fedorento rosnando no sofá, eu recriava forças para sair daquela merda e ir viver a minha vida.

Eu entrava em casa, calada, e saía calada.

Parei de comer em casa, agora eu tomava café da manhã e almoçava no “Bom Prato” da Sé, almoço a um real e café da manhã a cinquenta centavos. Bacana!

Ia para a escola todos os dias, saía da escola e ia para o trabalho.

Continuava retendo mal, então, consegui, nos três primeiros meses, fechar ganhando apenas um salário mínimo mensal. Mas prossegui. –

Eu sempre me pensei uma garota inteligente. Sempre tive facilidade de ser autodidata, e se tinha uma galera que conseguiu se tornar VIP da Revista Veja e da Revista Cláudia, sem gostar de ler nem gibi, eu, que sempre gostei das letras também conseguiria!

Era uma questão de tempo.

Após mês a mês me frustrando com o meu fracasso, que eu sempre punha na minha cabeça que era momentâneo, fui atrás de uma solução para o meu problema.

Tem uma frase do Monteiro Lobato que eu curto muito: “Um país se constrói com homens e livros”. Então, fui até a livraria.

Tenho certeza que alguém, provavelmente um americano, teria escrito algo a respeito de vendas. Algo para ensinar as pessoas a venderem.

Separei uns duzentos reais e fui “fazer feira” na livraria.

Encontrei uns livros legais, levei vários pra casa, mas o que, depois de ler, eu mais gostei, também, foi mais útil para mim, foi, “VENDEDOR FORA DE SÉRIE”.

Livro Top, eu sempre me esqueço o nome do autor, mas o título é esse! E comecei a devorar os livros.

Em uma das lições, o autor era bem claro ao dizer que a venda precisava ser uma consequência do trabalho bem feito, do cuidado com o cliente, da preocupação com sua necessidade.

E que, não se deve vender porcaria, mentir não é bom, nunca é, é bem melhor realçar uma qualidade positiva que o produto tenha, não apenas um preço acessível.

Parei para refletir... É verdade! A menos que for para fazer adubo, se eu saísse oferecendo cocô na rua, por mais barato que fosse, ninguém ia querer comprar.

Foi aí que me veio o *Insight*. Aquelas revistas que todo mundo queria cancelar, também eram as mais baratas! Mas, eu não precisava convencê-los a adquirir um produto novo.

Eu apenas precisava mostrar para o cliente insatisfeito a qualidade do produto, que ele ainda não havia percebido, após fazer uma análise prévia de suas necessidades!

Pimba!

Passei a ler freneticamente todas as revistas mais *fuleiras* que eu tinha que convencer o cliente a ficar com elas.

Quando eu passei a estudar o conteúdo das revistas, percebi que elas não eram fuleiras, e sim, não eram lidas!

Eu tinha um preconceito terrível com elas, e, percebi, que os clientes também!

Agora eu tinha argumentos!

Depois de duas semanas debruçada entre livros e revistas, comecei a melhorar o meu índice, e em quinze dias eu era a melhor do grupo das revistas desprezadas.

Mais quinze dias e veio a surpresa. Peguei o VIP da VEJA e da Cláudia!

Foi aí que passei a bater metas, ganhar um dinheiro legal, o que me permitiu juntar vinte mil reais nestes dois anos.

Eu estava com dinheiro o suficiente para custear a minha hospedagem e alimentação em Santos, em alguma república de estudantes por todo o período do curso.

Quando soube de que consegui a aprovação na UNIFESP, não pensei duas vezes, pedi demissão do trabalho, fui para casa, juntei as minhas coisas mais importantes e coloquei numa mochila de camping.

Talvez, esse tenha sido um dos dias mais felizes e mais tristes da minha vida, até então.

Enquanto eu colocava as coisas na mochila, minha mãe estava encostada no batente da porta, parada, estática, com lágrimas nos olhos, mas com um lindo olhar de alegria e alívio para mim.

- Ai mãe, eu consegui! Depois de tanto tempo de sufoco mãe, eu consegui! Eu vou pra Santos, vou estudar na Federal!

Estava tão eufórica com a novidade, com minha possibilidade de uma nova vida que se arregalava para mim, que não me dei conta que ela começou a se desmanchar em lágrimas, percebi apenas quando ouvi um soluço.

Senti um aperto no coração na mesma hora. Puxa vida... Eu estava tão feliz que esqueci da tristeza da minha mãe.

Parei o que estava fazendo e fui na direção dela para abraçá-la. Nos abraçamos tanto, e choramos, e nos pegamos, nos unhamos, nos beijamos, nos cheiramos, nos molhamos toda com nossas lágrimas.

Entre declarações de amor, uma a outra, e soluços, que por vezes interrompiam as frases, ficamos ali, não sei por quanto tempo. Esquecemos dele... Simplesmente isso...

- Vem cá mãe, senta aqui comigo. Olha pra mim, por favor...

Minha mãe estava cabisbaixa, como que, sentindo-se abandonada, triste, prevendo o sofrimento que já habita na casa que agora seria elevado à décima potência pelo peso da solidão.

- Olha pra mim mãe... Mãe... Mãe... Olha pra mim...

Ela, entre os soluços, que agora já estavam mais leves, olhou pra mim, com aqueles olhos azuis profundos que ela tem.

Minha mãe é uma mulher humilde de pouca instrução, nascida na cidade de Remanso, na Bahia, descendente de colonos holandeses.

Como muitos sertanejos, veio pra São Paulo para procurar oportunidades, e as encontrou. O problema, é que junto com elas, veio o encosto do meu pai.

- Olha pra mim, mãe...

Ela começou a levantar a cabeça e olhou fundo para mim, com os olhos de derrota e de tristeza, com vários sinais de sofrimento a partir da humilhação cotidiana, a que é submetida.

- Eu vou me formar, vou trabalhar, vou ganhar dinheiro, e a gente vai morar numa casa linda, lá em Bertioga, bem em frente ao mar! Te prometo!

Minha mãe, sequer cogitou a possibilidade de isso se concretizar... pegou na minha mão e disse:

- Filha, vai procurar teu rumo! Eu já fiz minha vida, o que eu passo é o resultado do que eu escolhi pra minha vida. Você está jovem, vá viver a tua, vá ser feliz!

Enquanto ela falava isso, lágrimas escorriam pelo seu rosto, quando os olhos marejados, já não tinham mais espaço para abrigar tanta água salgada.

- Mãe, eu prometo que vou fazer isso que a senhora está pedindo, vou cuidar da minha vida e vou ser feliz! E vou ser feliz com a senhora, que é a razão da minha felicidade! Foi a fortaleza que me protegeu, como pode, para que eu pudesse conseguir...

Ela abriu um sorriso largo, como há muito tempo não via, e começou a enxugar as lágrimas enquanto ria. Eu comecei a sorrir também, e nós duas voltamos a nos abraçar.

Minha mãe ficou comigo, ali no quarto, me ajudando a arrumar as malas, me ajudando a escolher as peças, o clima de alegria, movido pela esperança havia se acendido de alguma forma!

Tomamos um suco de maçã com limão, juntas, e comemos algumas bananas com granola, conversamos mais um pouco sobre Santos, a UNIFESP, todo o futuro que se mostrava à nossa frente.

Até que chegou o momento de ir, eu fui me dirigindo à porta, e ela dando as últimas recomendações...

Eu já estava para fora do batente da porta com as minhas malas, e ela para o lado de dentro.

Senti vontade de pedir que ela fizesse por mim, uma coisa que ela sempre fazia quando eu era pequena e estava mal, antes de meu pai se converter ao neopentecostalismo.

- Mãe... Reza em mim por favor?

Os olhos dela marejaram novamente, e ela voltou a chorar.

- Mas eu não tenho arruda minha filha, seu pai arrancou tudo faz muitos anos.

- Reza só com a fé mãe. Eu sei que Deus vai escutar...

Ela sorriu, eu também, nós duas chorando e segurando bastante, pra não virar escândalo.

Ela começou a rezar, dizendo palavras sussurradas enquanto ficava com o mão direita espalmada em minha direção, os olhos fechados e a mão esquerda fazendo o sinal da cruz diante do meu rosto.

- ... Que Deus te guarde e te guie, em nome do pai, do filho e do espírito Santo, amém.

- Tchau mãe! Eu volto pra te buscar! Prometo!

Nos abraçamos demoradamente, outra vez... Dessa vez em silêncio e suspirando, um tanto já aliviadas pelo novo destino que se constrói.

- Minha filha, deixa eu lhe dizer uma coisa, NUNCA PERCA A FÉ. Deus está sempre a favor dos justos, e daquele que é cristão de verdade.

Eu ia dizer algo, mas ela interrompeu, fazendo sinal com a mão para eu esperar.

- Lembre-se, aquele que bem faz, pra si faz, aquele que mal faz, pra si faz, e o que é ruim, por si só se destrói. Seja generosa, guarde sempre o sentimento de caridade, e acima de todo, ame a todos a sua volta como nosso senhor nos amou um dia.

Eu não tive mais palavras pra dizer nada. Apenas acenei com a cabeça em tom afirmativo, e dei-lhe mais um abraço.

- Te amo mãe!

- Te amo filha! Vá com Deus na frente e paz na guia, com a Nossa Senhora, a Virgem Maria.

Virei as costas e fui embora pelo corredor. Ela ficou, lá na porta, olhando-me entrar no elevador. Antes de eu entrar de vez, eu acenei pra ela, me despedindo, e mandei um beijo com a mão. Ela me devolveu...

A gente fez que pegou no ar e repetimos um gesto que sempre gostamos de fazer. Pegamos o beijo, uma da outra, no ar e guardamos no coração com as duas mãos sobre o peito.

Entrei no elevador. Desci. Fui contando os andares ao descer, meio que com o pé lá em Santos, meio que com o pé lá em casa. Mas fui.

Quando cheguei no hall do prédio, meu pai vinha entrando. Passei por ele sem nem olhar em seu rosto, ele ainda chamou meu nome, eu acho. Fiz que não ouvi. Fui embora. Nem olhei pra trás.

Hoje vejo esses meus colegas de escola, que entraram na Federal comigo, não sei se sabem o que é viver o que eu vivi, ou pensar como eu penso.

Tenho certeza de que eles gostam de mim, e eu também os amo.

E é devido a esse amor que os tenho, que vou dizer-lhes o que penso sobre tudo isso, com o tempo, claro. Mas neste momento minha demonstração de amor e gratidão por eles vai ser esta.

Eu vou aceitar o convite do veterano bonitão e vou com ele para o trote, agora!

- E aí galera? De boas?

- Um megaton! Dois megatons! Três megatons! Quatro megatons! Cinco megatons! Seis megatons! Sete megatons! Oito megatons! Nove megatons! Dez megatons!

Com um pandeiro tocando côco, numa levada de uns cento e trinta e cinco bits, uma turma de cerca de cinquenta jovens universitários do curso de Ciências do Mar, contavam.

Numa grande euforia entre gritos, pulos e esperneios; assovios, vaias palmas e risos; enquanto eu estava de joelhos com as mãos pra trás e o

meu *padrinho de trote*, se é que eu posso chamar assim, despejando tequila na minha boca até chegar no dez!

Eu sei que eu só consegui olhar para ele nos dois “primeiros megatons”, depois minha cara começou a arder e eu fechei os olhos, também por causa do sol que estava lá, resplandecendo no céu.

A tequila ia caindo na minha boca e eu ia misturando minhas reações entre engolir a bebida e respirar, tentando não engasgar pra não pagar mico.

Antes de me ajoelhar, eu fiquei pensando no quanto aquela cena era sugestiva. Da excitação que fiquei, fiquei meio tímida.

Aí aquele fofo me estendeu a mão pra ajudar eu me ajoelhar, com aquele mesmo sorriso cínico, que eu adorava tanto!

E fui, devagar.

Eu estava de bermudinha, e aquele chão era muito áspero. Então, pra não machucar os joelhos, eu tirei as sandálias e coloquei no chão para apoiá-los.

Aí, o que deu? Eu fiquei bem de frente!

Olhei, desfarcei e virei a cabeça para o rosto dele. Safado! Percebeu! Soltou aquele sorriso cínico de novo.

- Levanta a cabeça e abre a boca. – Me falou com gentileza.

Assim o fiz, e foi aí que começou a farra.

Em nem sabia como é que eu ia me levantar dali, mas sabia que não ia ser boa!!!

Quando acabou a contagem a galera começou a se manifestar novamente naquela algazarra com megafone, vuvuzelas, e toda a sorte de zoadas que pudesse ser produzida.

Tava faltando só o Chaves com a matraca!

Depois que eu terminei de tomar aquele troço, eu engoli, e ficou querendo voltar, deu uma ânsia de vômito que eu nunca vi! Comecei a fazer gesto de que ia vomitar, e aí a galera gritava:

- Vomita não!
- Engole!
- Desperdiçar cachaça não vale!

Aí tinha uns mais nojentos que gritavam:

- Se for vomitar, vomita no copo e me dá! Mas não joga fora!

E sopra vuvuzelas, e o povo grita e se desespera e começa a gritar em torcida:

- Engole! Engole! Engole!

Aquele treco voltava pra minha boca com gosto de azedo, e vinha numa força terrível! Eu coloquei as duas mãos na boca pra não deixar sair, mais ainda assim escorreu um pouco.

Tudo meio que começou a ficar em silêncio à minha volta, era um misto de desespero com determinação.

Guardei na boca pra livrar a respiração, aquele negócio, meio azedo, meio amargo, meio doce. Talvez do chocolate que eu tinha comido antes de ir pra lá.

Quando eu soltava o ar pelo nariz, só sentia cheiro de álcool. A primeira vez que eu senti cheiro no sentido contrário do fluxo de ar.

E saiu um pouco de tequila pelo nariz, mas eu segurei, enquanto a galera continuava ao redor, torcendo, eu brigava comigo pra engolir aquele troço.

Aí eu consegui acalmar o estômago e fui engolindo de pouquinho, até que...

Engoli! Ufa! Comecei a respirar fundo, um tanto tonta pela falta de ar, misturada com uma embriaguez que já me pegava.

Sentei um pouco sobre os meus calcanhares e apoiei a mão nos joelhos. Enquanto a cabeça rodava... Rodava... Rodava...

Nossa que giro gostoso!

Suspirei fundo... As costas leves, sem tensão. Comecei a respirar fundo então... Como se estivesse aliviando a minha alma.

Naquele momento eu senti como se uma mão tivesse entrado lá no abismo do meu peito, mais que fisicamente, tivesse ido até lá o fundo da minha alma.

E mexido, mexido, mexido. E fígado algo. E depois de ter fígado, ter puxado com muita força, como se estivesse arrancando uma erva daninha que estava enraizada há muito tempo.

E depois desse estampido da puxada, que eu senti um pouco acima do meio da espinha, eu suspirei fundo. Puxei lentamente, o quanto eu pude, e fiquei com o tórax a pleno ar.

Segurei um pouco para sentir aquele oxigênio em mim, como se nunca tivesse respirado antes. Acho que meio parecido com o período que a gente sai da barriga da mãe, e respira pela primeira vez.

Puxei o ar tão fundo, que quando os pulmões estavam bem cheios, senti até uma dorzinha agradável bem no meio do peito... Acho que era o coração aliviando.

Soltei o ar, bem lentamente, controlando-a. Eu queria sentir o ar passando pelas minhas narinas, minha língua, meus dentes, meus lábios, minha garganta. Fiz até biquinho pra soltar o ar.

Depois que eu soltei o ar, girei a cabeça em trezentos e sessenta graus, três vezes para cada lado, e a levei e trouxe três vezes para cima e para baixo, lentamente.

Inspirei e expirei... Lentamente... Aí comecei a ouvir a galera comemorando e gritando, assoprando vuvuzelas, assoviando, pulando, balançando os braços, dançando forró sozinho... Fui abrindo os olhos... Lentamente...

Fui abrindo os olhos em piscadelas rápidas para me acostumar com aquela luz forte de novo, enquanto meus ouvidos ainda se acostumavam com tanto barulho, depois de ter *entrado de férias* por alguns instantes.

Quando abri os olhos, meu príncipe estava acorocado na minha frente, não tinha muita nitidez no que eu estava vendo. Pra falar a verdade, o que faltava mesmo era o foco.

Parecia que eu estava vendo três dele na minha frente. Os três se juntavam e se separavam, e parece que um passava pelo outro.

Só o que eu conseguia identificar era aquele círculo verde esmeralda na minha frente, que agora eram quatro. Com um à esquerda solto, um ao lado direito fazendo intersecção com seu vizinho, à direita, outra intersecção e o último à direita, sozinho também.

E os três rostos foram se juntando, bem devagarinho, conforme eu esfregava os olhos e tentava focar de novo. E os comprimia e inclinava a cabeça para os lados...

Mas, voltou ao normal! Não fiquei vesga pra sempre, como meu pai dizia que eu fia ficar, se ficasse brincando com isso.

Eu respirei fundo novamente, e consegui focar. E aí vejo ele com um pote de guache na mão, e os dedos melados de tinta azul.

- E então moça, que tal se pintar para a guerra?

- Que guerra?

Ele, com os olhos fixos nos meus, apenas sorriu misteriosamente.

- Você já vai ver!

Aquilo me deu um medinho... Mas também, eu só vivi com medo a vida inteira. Não me lembro apenas um período na minha vida que eu não tenha passado medo em pelo o menos oitenta por cento dele!

Hoje eu quero é que se foda! Acho que esse é o melhor termo pra se usar.

Aqueles olhos bonitos dele... Amendoados... Aquela expressão de doçura... Aquela coisa boa...

Eu lá viajando no fundo dos olhos dele, e, aí me deparo com uma cena que me fez passar um baita dum vexame!

Consegui ver a minha cara de besta no reflexo dos olhos dele!
Jesus amado! Que vergonha!

Eu desfarcei na hora, comecei a me chacoalhar para levantar, aí ele falou com um sorriso nos lábios:

- Ei, espera! Vai para a guerra sem pintura? Que Tupiniquim é você?

E me deu um sorriso terno, que subia aos olhos de uma forma esplendorosa! Linda! Ai.. ai...

Então sorri de volta alegremente pra ele, balançando a cabeça e mexendo os ombros. Um hábito que eu peguei na dança indiana.

- E essa cabecinha e ombrinho aí? – Ele riu.

- Peguei a mania de fazer isso na dança indiana.

- Ahhh! Você pratica dança indiana? Que dá hora!

Eu sorri de forma bem contida. Pra falar a verdade, foi só uma puxadinha dos cantos dos lábios para as extremidades. Um “sorrisinho milimétrico”.

Saí da posição que estava, de joelhos, sentei, cruzei as pernas à minha frente, com joelhos apoiados nas laterais internas dos meus calcanhares.

Coloquei as sandálias em baixo dos meus pés para não ficarem arranhando no chão áspero.

Relaxe a coluna e os ombros e coloquei o rosto pra frente pra ele pintar e fechei os olhos.

- Pode começar, Dali!

- Acho que eu tô mais pra Tommy Ohtake. Pelo o menos nas suas pinturas abstratas... – Riu.

- Mas Tommy Ohtake é mulher!

- E japonesa. Também precisaria me parecer uma japonesa? No mais, como você sabe que eu não sou mulher? - Riu novamente.

Enquanto ele sorria, da, provável, brincadeira que ele fez, eu me mantive em um silêncio que me apertou o coração por uns cinco segundos...

É... Aquela frase me deixou preocupada... Porque se ele fosse gay, eu ficaria feliz por ter uma amiga, mas não era bem isso que eu estava pretendendo da companhia dele...

No mais, se ele fosse bissexual, também não iria ser legal. Nunca me imaginei disputando meu namorado com outro homem.

Sem contar, que se eu pegasse uma traição na minha cama, eu não iria nem poder descontar a minha raiva na “sujeita” e quebrar-lhe a fuça. Como é que eu ia medir forças com um armário?

“Melhor voltar ao assunto enquanto ele pinta”. Pensei.

Puxei a respiração e voltei a falar.

- Bem, eu pratiquei... Fiz mais ou menos um ano e meio de dança indiana. Eu achei legal a dança.

Enquanto conversávamos, o restante do pessoal foi fazer o “batismo” de outro calouro, então a atenção de todos saiu de nós dois. E, ficamos ali.

- Bacana! Então esses seus olhinhos meio puxados são de ascendência hindu?

- Não!

Disse eu chacoalhando a cabeça em movimentos rápidos de negação, tendo franzido a testa e feito olhar de estranheza. Prossegui:

- É que quando eu tinha uns doze anos, lá na escola teve um trabalho, na aula de Geografia, sobre a cultura de diversos países, a minha turma caiu com o oriente.

Continuei:

- E no trabalho, a gente tinha que trazer alguma manifestação cultural típica do Oriente para apresentar. Então encontramos a dança indiana, éramos um grupo, quase, que só de meninas, a gente gostou, treinou e se apresentou.

- Nossa, que bacana! E depois disso, você resolveu seguir carreira.. – Ele sorriu.

- Não bobo!

Disse dando um tapinha no joelho dele.

- Olha!... Cuidado que se não eu vou te borrar! – E riu.

- Eu fui fazer dança indiana porque achei bonito. Fiz até os quatorze. Aí depois eu deixei a dança para treinar Krav Magá, para aprender a me defender.

- Puxa! Que da hora! Sempre quis treinar Krav Magá!

- Sério? E porque você não faz?

- Ah, eu nunca tive muito tempo. Sempre tive uma série de atividades desde pequeno. Mas meu pai sempre pegou muito no meu pé por causa de estudos, sabe?

- Nossa! E nunca tinha tempo pra nada?

- Tinha... Para estudar música e malhar. Mas é só isso também.

Comecei a malhar com quatorze anos e música eu estudo desde pequeno.

- Sério? Você toca o que?

- Eu toco violão, violoncelo, violino, baixo acústico, banjo...

Essas coisas que tem cordas!

- Nossa! Você toca esse monte de instrumentos?

- Então... Não é bem esse monte de instrumentos. Os instrumentos musicais têm uma base semelhante, de acordo com sua categoria, entende?

- Como assim categoria? Eu pensei que todo instrumento era único.

- E é único. Todos têm suas peculiaridades, mas a base de cada grupo é semelhante.

- Ah é? Mas, como assim, grupo?

- Sim. Grupo. Por exemplo, esses instrumentos que eu toco, são do grupo dos instrumentos de cordas. Que a diferença básica entre um e outro é o timbre de cada um e a maneira de ferir as cordas.

Eu dei um sorrisinho de impressionada. Não imaginava que existia essa variação toda na música. Que legal!

- Ferir? – Perguntei.

- Sim, ferir! É quando a gente bate na corda, puxa ela, esfrega com um arco... É isso! Entende?

- Hum... Entendi!

- Aí tem o grupo das teclas, que tem piano, órgão, xilofone, acordeom, etc. O grupo dos Metais, que são divididos entre metais com bocal e madeiras, e por aí vai.

- Legal! Eu sempre quis aprender violão. Sabe? Só que mais pra saber tocar uma música assim que eu gosto... Não quero me tornar profissional, entende? Mas assim, saber fazer pelo o menos umas três notinhas pra enrolar no lual...

- Pronto! Terminei seu rosto. – Suspirou, como quem diz, missão cumprida por aqui.

Ao ouvir isso, abri os olhos.

Isso já estava se tornando vício. Ficar olhando para aquele menino lindo na minha frente. Com aquele cabelo sendo bagunçado pelo vento.

Meu leãozinho!

- Agora vou pintar seu braço.

- Não! Primeiro eu vou ver o que você pintou no meu rosto!

- Tá bom...

Peguei o celular na bolsa e coloquei na câmera selfie. Ele escreveu em verde na minha testa: “UNIFESP”. Na minha bochecha esquerda: “BICT”, que é a sigla para Bacharelado Integrado em Ciência e Tecnologia, na bochecha esquerda: “Mar”, e no queixo: “2.058”.

- E aí? Gostou?

- Hum... Já dá pra ganhar dinheiro como maqueador!

Ficamos olhando-nos e rindo por alguns segundos.

Lembrei de novo do Leãozinho. Fiquei com muita vontade de perguntar se ele sabia tocar essa música. Mas sei lá... Fiquei pensando que era muita bandeira perguntar isso pra ele. Diretamente essa música, assim de cara.

Aquele frio na barriga me corroendo, e o coração apertado, naquela situação. Eu ficava me segurando pra não ficar suspirando toda hora e ele perceber.

Então eu tive uma ideia! Comer pelas beiradas! Sempre funciona.

- Você gosta de Caetano?

- Qual Caetano? Não é aquele cantor de forró de plástico não né?

Fiz uma cara de decepção medonha, soltei os ombros, respirei fundo e bufei.

- Eu tenho cara de quem ouve forró de plástico?

Ele começou a rir e respondeu:

- Ah, sei lá, vai que você quisesse me falar de alguma coisa engraçada.

Eu sorri.

- Não bobo, eu tô falando de Caetano Veloso. Do movimento Tropicália, segunda metade do século passado, saca?

- Ah! Sei quem é! Aquele que cantava: “você é linda, mais que demais... Você é linda sim... Onda do mar do amor que bateu em mim...”
Esse?

Aquilo não era possível de ser verdade. O garoto era lindo, forte, inteligente, músico, gostava do mesmo compositor que eu, e ainda por cima cantava bem!

Quando ele começou a cantar, o meu ouvido, simplesmente, silenciou com relação à todos os outros sons à minha volta.

Como se fosse uma espécie de “efeito uirapuru”.

O uirapuru sempre foi meu pássaro favorito.

Uma vez eu assisti um documentário da Discovery Channel sobre ele.

É o pássaro que quando canta, todos os outros da floresta se calam para ouvi-lo.

Sua lenda é apaixonante! É minha favorita.

O povo da Amazônia dia que esse pássaro é mágico!

É uma linda história de busca pelo amor de sua vida protagonizada por um índio chamado Quaraçá, que significa *Luz do Sol*.

Diz a lenda que Quaraçá tocava uma flauta de bambu, e o que ele mais amava fazer era passear pela mata reproduzindo os sons da natureza e os do seu coração, criando assim, as mais belas melodias.

Quaraçá guardava uma imensa paixão por uma linda mulher chamada Anahí, “aquela que tem a voz doce”. Ela era a mais bela da tribo.

Anahí amava cantar. E se deliciava com o cantar dos pássaros. Havia aprendido a cantar com eles.

Passava horas por dia na floresta ouvindo os pássaros cantarem e reproduzindo seus sons com sua linda voz.

Todas amavam ouvir Anahí cantar, inclusive o cacique da tribo, que acabou por tomar sua mão em casamento.

Quaraçá ficou desesperado. Agora seu amor, além de distante, era proibido! E o tempo foi se passando.

Depois de tanto sofrer por esse amor que se mostrava impossível, o jovem entrou na floresta. Onde não havia nada de transformação humana.

Onde nunca se ia, sequer para caçar. No reduto sagrado das grandes forças espirituais. Se retirou para buscar ajuda de Tupã.

Andou por dias a fio, mata a dentro, atravessando rios e escalando paredões. Subiu, então, a mais alta das colinas que conhecia.

Tupã é o Deus supremo Guarany, aquele que criou o universo e a luz. O Deus todo poderoso que mora no sol, e se apaixonou por Arasy, a mãe do céu, que morava na lua.

Ambos buscando o amor verdadeiro, depois de uma eternidade de busca, se encontraram em uma constelação. E casaram-se.

Em uma manhã, após o casamento, desceram à Terra, e no topo de uma colina em Areguá, no interior do território, hoje, conhecido como Paraguay.

No alto dessa colina, passaram a criar, juntos, os rios, os mares, as florestas, as estrelas e todos os seres vivos do universo.

Depois de terem criado todas as coisas da Terra, Tupã misturou argila, sumo de erva-mate, sangue do Falcão Noturno de cauda curta, folhas das plantas mais esplendorosas que eles haviam criado juntos, e, por fim, uma centopeia.

E, nessa mistura, acrescentou água do rio Ypacaraí e produziu uma pasta. Desta pasta, Tupã criou duas estátuas à sua

imagem e semelhança e as deixou ao sol para secar e enchê-las de vida.

Os humanos recém-criados, se prostraram diante dos Deuses. Arasy pôs o nome da mulher de Sypave *mãe do povo* e Tupã pôs o nome do homem de Rupave, *pai do povo*.

E aconselharam às pessoas a viverem em paz e amor. Que vivessem, amassem, procriassem e fossem felizes.

Tupã era o pai de todos e valorizava o amor. Então Quaraçá pensou, “Tupã vai entender a minha busca pelo amor de Inahí, e vai me ajudar”.

Ao chegar ao topo da montanha, Quaraçá realizou o ritual de convocação de Tupã. Que entendeu seu sofrimento e o transformou em um pequeno pássaro vermelho e amarelo com asas pretas, libertando-o assim, do sofrimento.

Tupã deu a ele o nome de Uirapuru.

Uirapuru alçou então, seu primeiro voo, lá do alto daquela montanha espalhando pela floresta o seu forte e lindo canto.

Quando Uirapuru surgiu na floresta com seu lindo canto, todas as outras aves se calaram para ouvi-lo.

Uirapuru carregava a energia sensual de Tupã, assim como sua força e sua luz.

E voltou para a aldeia, onde encontrou Inahí, sentada numa pedra, em frente sua choupana trançando cipós para fazer uma cesta.

Ele pousou em cima de um dos cestos que já estavam prontos, e começou a cantar para Inahí, que, na mesma hora, parou tudo o que estava fazendo e ficou observando-o cantar, maravilhada.

Uirapuru vinha todos os dias Cantar para Inahí, que aprendeu diversas das melodias que Quaraçá fazia em sua flauta de bambu.

O cacique também se encantou com o cantar do pássaro e embarcou numa empreitada para aprisioná-lo.

Ao perceber, Uirapuru alçou vôo. O cacique, obstinado por aquele pássaro, tão pequeno, de canto tão maravilhoso, perseguiu Uirapuru, que o conduziu floresta adentro.

O cacique era apaixonado por Inahí, e quis agradá-la presenteando-a com aquele pássaro. E jurou a si mesmo que não desistiria enquanto não o capturasse.

Mas, Uirapuru conhecia muito mais da floresta que o próprio cacique, pois além de passear por ela todos os dias, enquanto ainda era Quaraçá, agora com asas, seu alcance havia ficado muito maior.

E ele conhecia terras distantes que o cacique sequer sonhava que elas existissem.

Uirapuru o conduziu a caminhos desconhecidos e fez com que ele se perdesse. Desta forma, ele nunca mais encontrou o caminho de casa.

Uirapuru voltou para Anahí, que, agora, sozinha, passava o dia apreciando o canto Quaraçá, e a ela, ele.

Restava agora que ela descobrisse quem ele era para desfazer o encanto.

E agora eu me via como Anahí. Restava descobrir se esse lindo pássaro que agora cantava para mim e me encantava com tudo aquilo que ele era, seria, de fato, meu Uirapuru, ou qualquer papagaio vagabundo que copiou seu canto.

- Vamos pintar os braços?

- Oi?

Meu Deus... Nem sei quanto tempo fiquei aqui parada igual a uma tonta parada na frente dele, olhando-o.

- Pintar os braços.

Repetiu, ele, erguendo um pouco o pote de guache e os dedos sujos de tinta e fazendo uma cara de quem diz: “Ei... Acorde!”.

- Já está bêbada? – Riu.

- Não meu querido, e na hora que começar a ficar bêbada eu me entupo de água até passar a brisa! Tá pensando que eu não sei beber? – Ri. Ele riu também. E rimos juntos por alguns segundos.

- E o que você vai escrever no meu braço, “senhor” Tommy Ohtake?

Ele ficou olhando para mim com cara de pensativo, como se estivesse tentando imaginar alguma coisa para pintar.

Ficou ali parado, por alguns segundos, fazendo bico com aquela boquinha vermelha dele, que mais parecia um romã madura. Lábios suavemente carnudos e bem desenhados.

Num sobressalto, ele arregalou os olhos, e entreabriu a boca, como quem pensasse: “Eureca”!

- Já sei o que vou pintar no seu braço.

- E o que é?

- Depois você vai saber...

Falou pegando meu pulso direito e puxando tranquilamente. Eu puxei o braço de volta, bruscamente.

- Não! Você vai me dizer primeiro!

Disse, enchendo as bochechas de ar, fazendo bico e arqueando as sobrancelhas com cara de desdém.

- Agora só faltou fazer o pescocinho de novo!

Começamos a rir juntos como dois bobos.

Ele voltou a falar.

- É um ideograma japonês.

- Que significa o que?

- O único sentimento que as pessoas deveriam guardar em seus corações, e a única coisa que as pessoas deveriam praticar no seu dia a dia, e única filosofia de vida que importa. Amor.

Disse isso e ficou olhando no fundo dos meus olhos e despejando todo aquele sorriso cínico no meu cerebelo para me enfeitiçar. Só pode! Não é possível que a intenção fosse outra.

- Ah, filho da puta! Foi o que pensei...

Quando ele me falou isso, ainda mais eu já meio bêbada, fiquei sem ar.

Simplesmente, fiquei sem ar.

Fiquei sem pensar em nada por alguns instantes. Sem expressão alguma, pelo o menos, não que eu tenha percebido, mas pelas “bandeiras”

que eu já tinha me pego dando, tenho certeza que fiquei com cara de tonta, olhando pra ele.

Eu me lembrei do período de escola, logo quando eu comecei a trocar cartinhas com os garotos. Acho que eu tinha uns onze pra doze anos.

Que a gente ficava discutindo entre a gente qual era o significado de amor.

Quando eu quero descobrir o significado de alguma palavra, procuro sempre o dicionário. Adoro definições!

Verdade. Saber a definição das palavras que agente usa é algo... Empoderador! Essa é a palavra.

Quando eu fui procurar, no dicionário, o significado da palavra “amor”, foi isso o que encontrei:

✓ Afeição profunda;

✓ Objeto dessa afeição;

✓ Conjunto de fenômenos cerebrais e afetivos que constituem o instinto sexual;

✓ Afeto a pessoas ou coisas;

✓ Paixão;

✓ Entusiasmo.

Eu não sei o porquê. Mas essa definição não me convenceu.

Uma coisa seca. Acho que o cara que escreveu esse dicionário foi infeliz a vida inteira. Acho que até um psiquiatra explica o amor de uma forma mais humana que isso.

Não era isso que eu via nas comédias românticas americanas que eu assistia. Nem nos tantos livros sobre isso que já li, nem nos poemas, nem nos casais felizes que eu conhecia.

O amor, ele tem uma pegada a mais de cumplicidade. De um encantamento transcendental, algo de mágico de encantador, de sublime, supremo, divino!

Se o amor não fosse uma energia tão real, quanto é boa, pensamentos como o de Jesus Cristo não teriam sobrevivido às eras.

No momento em que ele falou de amor, deu um gelo no coração. A primeira coisa que eu senti, foi apreensão.

Mas ao mesmo tempo que eu sentia aquele aperto no peito e a vontade de correr, de fugir dali, de me esconder em qualquer buraco que eu visse primeiro, tinha outra vontade dentro de mim.

Como duas feras se digladiando no seu interior.

Mais uma vez, veio à minha mente o pensamento da criação Guarani.

Tupã, depois de dizer aos primeiros seres humanos, que fossem felizes, criou dois espíritos Angatupyry e Tau.

Angatupyry é o espírito da bondade, enquanto Tau é o espírito da maldade.

Os dois estão dentro de todos nós, e eles nos influenciam para o bem ou para o mal, mas foi dado, como uma benção, o poder de cada um decidir a qual dos dois dará ouvidos a cada momento.

E agora eles estavam brigando dentro de mim. Exatamente, porque eu não sabia o que era o bem ou o mal naquela situação.

Se me fazia mal, deixar-me envolver, mas, apostar e ver “que bicho ia dar”, ou, fazer o que sempre fiz. Me esconder e deixar isso passar sem eu nunca ter a certeza se seria bom ou não.

Sei que eu sentia uma coisa muito boa ao lado dele. E, só de pensar na hipótese de não estar ali com ele, já me fazia mal.

Isso é que é impressionante! Há uma hora atrás, eu nem sabia que esse garoto existia! Talvez seja por isso que o Deus judeu teria proibido o ser humano de provar o fruto do conhecimento.

Como conhecer coisas causa dor!

Bom... Conhecer causa dor, fugir também vai causar, e eu não sei qual das duas é pior.

Então pensei, quer saber de uma coisa? A vida é uma só! To com a minha planejada, e muito bem planejada. Preciso mandar o fantasma daquele porco asqueroso embora.

Sempre me veio a pergunta: “E se for mentira?”. E se eu entrar nessa e me machucar?

Mentira? Mentira é uma coisa que não existe. E como é possível algo não existir, se eu posso sentir? Estou sentindo uma mentira?

Já não tem mais câmeras no meu quarto, e eu já não estou mais sendo vigiado por aquela vizinhança hipócrita. Tomei minha decisão.

Quer saber? Mentira ou não, estava mais gostoso a mentira de ser amada, do que a verdade que eu sempre vivi, de ser desprezada.

- Você não vai escrever isso no meu braço não.

Falei bem sério pra ele. O sorriso dele murchou na hora e ele ficou calado, parado, meio que boquiaberto e decepcionado com minha reação.

- Completei abrindo um sorriso enorme e colocando minhas mãos nas bochechas dele. Você vai desenhar nas minhas costas, e trate de deixar bem bonito que eu vou tirar foto e colocar nas minhas redes!

Então arranquei minha camiseta. Estava de biquíni por baixo. Era verão, estava um calor danado e a praia era logo ali. Virei de costas e fiquei esperando ele começar.

Fiquei esperando ele começar, e nada! Sem, ao menos, virar o rosto, perguntei:

- Não vai começar não?

Ele começou a passar os dedos quentes, melecados com aquela tinta gelada na minha costas...

Naquela paz que eu podia sentir com aquele vento soprando no meu rosto, no meu pescoço e na minha barriga, nas minhas costas, com aquele calor gostoso debaixo da sombra daquela árvore.

- Ui!...

Arrepiei até! Estiquei as costas que estavam relaxadas e me empinei daquele dedo gelado na minha pele quente, de ficar ao sol.

Ele sorriu... Eu também... E continuei ali parada sentindo os dedos dele deslizarem nas minhas costas nuas.

Da esquerda para a direita entre as asas, meio que subindo.

Depois, eu senti os dedos dele passarem bem rapidamente, como se fossem dois pinguinhos, logo abaixo do “tração” que ele passou.

Cada vez que ele colocava os dedos molhadas daquela tinta fria nas minhas costas, os meus braços arrepiavam inteiros e eu dava pequenos sobressaltos na respiração, como se fossem pequenos sustos.

Eu percebi que ele já havia reparado nas minhas reações... E parece que aquele sádico fazia de propósito!

Eu senti ele fazer mais um pinguinho debaixo da minha asa direita, vindo de fora pra dentro, nordeste a sudoeste. Arrepiei o pescoço do lado direito, e fui contraindo o pescoço, deitando a cabeça para o lado esquerdo.

- Ai...

A excitação era inevitável... Aquela mão grande, firme nas minhas costas, com a pele ardendo do sol, deslizando com tinta gelada nas minhas costas, depois de dez megatons!

Eu senti a ponta de dois dedos, agora, em cima da minha nona costela, bem ao canto esquerdo das costas, subindo mais uma polegada e atravessando as minhas costas para o lado direito.

Perto do meio das costas pude sentir os dedos dele com mais aspereza. Quando isso acontecia, ele tirava por um instante os dedos das minhas costas e em seguida voltavam mais gelados de novo.

Dessa vez, foi bem no meio das costas... Bem em cima da coluna...

- Ui, seu malvado!

Rimos juntos... Arrepiei-me toda, novamente. Suspirei fundo, e relaxei.

Senti os dedos dele percorrendo do meio das minhas costas até o canto direito, descendo, em linha reta, uma polegada até alcançar minha nona costela de novo.

Pingou o dedo no meio das minhas costas de novo! Já estava se tornando rotina agora!

- Ei! Todos os pingos são no meio da coluna é?

Ele riu...

- Não ria, não!

E rimos juntos...

- Eu não tenho culpa que os japoneses inventaram uma letra assim!

- Sim...Mas eu já entendi a maldade de você ter escolhido logo essa! Seu sádico!

- E você... Masoquista!

Ficamos rindo juntos por alguns segundos e ele disse.

-Tá, mas agora, pára! Deixa eu terminar de pintar, se não vamos passar o resto da tarde aqui!

Como se eu estivesse preocupada em passar o resto da tarde ali! Estava tão bom tudo aquilo, que eu não me importaria em passar o resto da minha vida, ali!

- Tá bom... Deixa eu relaxar aqui, e me concentrar pra continuar...

Aí eu estiquei a coluna, puxei ar bem fundo para os meus pulmões, para relaxar

E soltei os ombros, permanecendo com a coluna esticada.

- Vai lá! Estou pronta...

Mas, por mais que eu estivesse concentrada, era impossível resistir a tudo aquilo... Não! Aquilo era obra do demônio! Não podia ser real!

Bem na pontinha da décima primeira costela ele coloca aquele dedo gelado, melecado de tinta e vem subindo pra dentro!

Me contraí de novo, mesmo que me segurando.

-Fica quieta! Vai borrar tudo!

Ele disse rindo.

- Não dá! Você tá fazendo de propósito! Não é possível!

Respondi, rindo, também.

Bem ao lado esquerdo da coluna, em cima da décima costela, ele puxa os dedos para baixo, bem devagar, fazendo uma curvinha para dentro, entre a décima e a décima primeira costela.

Anda mais ou menos umas duas polegadas para o lado direito e sobe um pouquinho e pára entre a nona e a décima costela.

Suspirei fundo, estiquei a coluna de novo... E fui soltando o ar, bem devagarzinho...

Já estava sentindo o peito pesado, o coração meio que apertado... Ai que sensação maravilhosa! Já estava começando a sentir vontade de outro megaton!

Se bem que, agora, não precisavam ser dez! Um de cada vez, e, de vez em quando... Já estava bom!

Da ponta da décima primeira costela do lado direito, ele pingou o dedo de novo, e foi arrastando pra dentro, subindo a quarenta e cinco graus e parando entre a oitava e a nova costela.

Me contraí do lado direito agora, e suspirei novamente, desta vez, arrepiou até o meu quadril e minha coxa direita.

Contraí o meio das minhas costas entre os meus ombros... Fiz como se estivesse me espreguiçando. Como aquilo era relaxante, carinhoso, excitante! Que tudo de bom!

Suspirei fundo mais uma vez... Desta vez, soltei rápido.

Quando eu relaxei novamente, senti a ponta daqueles dois dedos firmes e grossos bem do lado da minha coluna, bem abaixo de onde ele tinha pintado.

E foi deslizando bem devagarzinho, curvando levemente para a esquerda e parando já na linha da minha cintura, no canto esquerdo das minhas costas.

- Que cinturinha linda! – Riu.

- Já foi melhor... Agora está com uns pneuzinhos e quase sem forma, de comer fastfood e almoçar no bom prato todo dia, sem tempo de malhar.

- Que nada! É gostoso assim! Que dá vontade de morder!

- Tá vendo porque não é legal! Já confunde a gente com um leitãozinho e quer dar dentada!

Rimos juntos, mais uma vez, desta vez mais prolongadamente.

- Pára com isso! Eu gosto de garotas cheinhas.

- É... Assim não precisa comprar o leitão no ano novo né! Dá pra parar de falar das minhas gordurinhas, que eu hei de me livrar delas, e continuar a pintar? Obrigada!

- A senhora é quem manda “*Sherifa*”!

Eu estava de costas pra ele. Fingi que fiquei séria, mas estava me segurando! Rindo escondido dele, pelas costas.

Tendo que me conformar com a contração dos cantos da boca e a elevação das sobrancelhas e contração da testa.

Ele voltou a trabalhar em sua obra de arte.

Mais ou menos a três, dos meus dedos, à direita da minha coluna, senti seus dedos deslizarem em linha reta para a esquerda, ficando paralelamente proporcional.

A distância das duas extremidades do traço do centro das minhas costas.

Ele tirou um pouco os dedos das minhas costas, creio que pra pegar mais tinta, e desceu para a direita, em um ângulo de mais ou menos quarenta e cinco graus até encontrar o ossinho do meu quadril.

Contraí a lombar para dentro, me empinando um pouco... Aquilo já estava ficando insustentável. Adoro quando me pegam pelo meu ossinho do quadril!

Contraí os lábios e mordi eles devagarinho, raspando os dentes inferiores no lábio superior e vice versa. Fiquei mordendo de vez em quando a pontinha da minha língua e lambendo os lábios, sutilmente.

Como aquilo era bom! Aquele calor todo, e não parava de ventar. Vez em quando eu olhava para o prédio do Campus, ainda meio que sem acreditar que eu estava ali.

Aquelas janelas filmadas, brilhando ao sol de janeiro, com um jardim bem zelado, cheio de flores de diversos tipos. Simplesmente lindo!

Senti, novamente, a ponta gelada, dos dedos dele, melados de tinta, no ponto onde ele começou a fazer o traço anterior.

Do lado direito da minha coluna, ele puxou um traço, atravessando minhas costas, descendo a mais ou menos quarenta e cinco graus e parando no ossinho do meu quadril. Desta vez, do lado esquerdo.

Nem me arrepiei tanto desta vez... Suspirei fundo esperando o próximo toque...

- Pronto! Acabei!

- Como assim acabou?

Perguntei num sobressalto.

- Ué... Acabei! – Riu.

Fiquei assim, meio perdida, meio sem saber o que fazer, meio decepcionada.

Tipo quando você está assistindo um episódio daquela sua série favorita, no dia do lançamento da nova temporada, que você ficou esperando dois anos para lançar, e no meio do primeiro episódio... Bum! Falta luz!

Fiquei olhando para os lados, meio rodada... Ali inerte... Com preguiça de levantar... Com o coração meio partido...

Mas... Fazer o quê? *C'estlavie, masoeur!*

Fui me ajeitando pra me levantar, estiquei as pernas, que já estavam adormecendo...

Nossa que ódio que isso me dá.

Toda vez que eu fico algum tempo em uma posição só, minhas pernas adormecem.

Aí fica tudo formigando e mole, sem conseguir movimentar direito, sem sentir o membro, direito.

Pior é quando vai levantar, que eu ponho o pé no chão e dá aquela fígada.

Fiquei de cócoras e levantei.

- Ai. Minha perna adormeceu.

- Movimenta.Ela que passa.

- E agora? Vamos pra onde? Pro farol pedir dinheiro pra comprar mais bebida?

Eu perguntei a ele.

- Nãããoooo!

Falou ele, contraindo a testa e fazendo uma cara de um misto de nojo, com absurdo, enquanto limpava os dedos em um paninho que ele tinha reservado pra isso. Continuou falando:

- Já tem uma galera fazendo isso! *Você está no meu pano!* Vamos para a praia que já tem uma galera dos veteranos lá.

- Ah legal! Dá pra a gente passar na Praia do Gonzaga? Faz anos que não vou lá!

- Podemos até ir, mas, outro dia. A galera tá no AP do meu pai lá no Guarujá, na Praia das Astúrias. Conhece?

Putaque o pariu! O pai do cara, ainda por cima tinha um apartamento no Guarujá. Só me lembrei de Mamonas Assassinas naquela hora!

Eu já tinha ouvido falar, demais, dessa praia de Asturias. Mas meu pai, sempre foi mão de vaca e nunca quis levar a gente lá.

O lugar melhorzinho do litoral norte que meu pai levava a gente era lá em Bertiooga, no Centro. Que é muito bom! De verdade... É!

Poxa, mas o Guarujá tem os melhores bares com música ao vivo, gente culta na rua, bonita, diversidades de coisas para se fazer.

Para resumir, é o lugar onde se tem todo o acesso de uma grande cidade, com a beleza do Atlântico Sul, bem na frente, e sem a baderna do Rio de Janeiro.

Isso tudo passou pela minha cabeça numa fração de segundos, porque a resposta foi súbita.

- Bora!

Senti uma água muito fria batendo no meu rosto com violência, e me faltou ar.

Puxei o ar com todas as forças para respirar e atordoada, que eu estava, levei alguns segundos para perceber onde eu estava, que eu tinha acabado de acordar e que eu ainda estava dependurada no pau-de-arara.

- Dormiu bem minha putinha... Hein? Gozou gostoso? Por isso dormiu?

O meu coração voltou a bater acelerado. E aquele medo fez com que a dor se tornasse muito maior do que realmente é.

Algo como que o medo tem o poder de potencializar todo esse sofrimento pelo qual eu estou passando.

Eu já ouvi pessoas dizerem que depois de algum tempo na tortura a pessoa não tem mais medo, e não sente mais dor. É mentira! Por que o medo que se tem não é de morrer, é de viver com essa crueldade na mente.

- Tava sonhando putinha? Sonhando com quem? Tava sonhando comigo? Ou tava sonhando com quem?

Eu já nemsei mais o que pensar, eu nem sei há quanto tempo estamos aqui, tantas vezes que já dormi e acordei, quantas vezes me tiraram daqui e me levaram pra cela...

Tantos dias que eu não vejo a luz do sol, nem sei se é dia ou noite, ou quanto tempo passou.

É uma coisa, meio que, de perder referências! A cadeia é um “não lugar”. É um espaço no qual eu estou perdendo minhas referências.

- E então putinha comunista... Vai dizer quem é que colocou a bomba na sala do Diretor do Campus?

Ele pegou no meu cabelo e puxou para trás com força, pensei até que tinha quebrado meu pescoço, depois que ouvi o estralo.

Ele sentou-se em uma cadeira que tinha atrás da minha cabeça, e ficou me olhando nos olhos, de cabeça pra baixo,

- Você é durona hein...

Eu tento respirar, mas está difícil demais, ele segurou meus cabelos e puxou minha cabeça toda pra trás, de forma que tapou minha traquéia. Não consigo respirar nada bem.

Tentome debater mas não consigo, meu antebraço dói tanto, suportando todo o peso do meu corpo, dependurada naquela “*araponga*” que tinha medo de fazer qualquer movimento.

A pressão do sangue na minha cabeça, por tanto tempo nesta posição, me dá uma enxaqueca terrível. Eu sinto o coração bater nas minhas têmporas o tempo todo!

E agora ele com minha cabeça puxada pra baixo, me olhando com aqueles olhos insanos que pareciam tentar aterrorizar minha alma, como que estivesse possuído por mil demônios.

Aquele olhar frio, duro e seco, como nunca antes havia visto nada, me aterroriza plenamente e me dá calafrios terríveis que me colocam em choque;

- Você gosta mesmo é de rola, né sua cachorra!

Ele fala com tanto ódio, que a cada frase cospe na minha cara, o que me dá um asco terrível! Queria poder cuspir na cara dele agora, mas não consigo nem fechar a boca, e estou há tempos sem água, nem saliva eu tenho mais, pra juntar.

- Mas eu sei qual vai ser o seu remédio... Vou fazer você parir raio! Dendura essa vaca fedorenta!

Ele ordenou aos outros que estavam na sala.

É uma equipe de cinco monstros. Eles simplesmente, se divertem com tudo aquilo. Eles riem tanto que parecem estar num parque de diversões. Parecem verdadeiras hienas!

Ele me chama de fedorenta porque eu realmente estou fedendo muito. Eu só sei que estou aqui há mais de dois meses porque já menstruei duas vezes.

E eu não tenho como me higienizar, o que temos é um balde de água por dia, para todas nós na mesma cela. Tem doze mulheres comigo, no mesmo buraco.

Ele me estupra todos os dias, e ejacula todos os dias dentro de mim, e eu não posso me limpar. Não posso tomar banho, minha pele está grudada.

Minha cabeça está toda comida de piolho, os cabelos completamente embaraçados, já com *dread*. Isso aqui mais parece uma masmorra medieval!

Eu fico com nojo de mim, todas as vezes que ele me chama de fedorenta. Me dá vontade de chorar todas as vezes, e todas as vezes é impossível conter o choro que cai em abundância.

Eu sempre fui tão higiênica, tão limpinha, tão vaidosa. E agora eu estou parecendo uma mendiga viciada em crack que perambula no centro da cidade!

O meu cheiro é insuportável, me dá vergonha. Me dá tanta vergonha de mim, que eu não me sinto mais digna nem de ser estuprada por ele.

Essa frase que ele vive dizendo, que “Eu gosto mesmo é de rola!”. Talvez seja verdade. Às vezes me pego pensando, qual o homem que vai me querer agora?

Depois de ser tão humilhada todos os dias por esse monstro. E o pior é que vira e mexe eu sonho fazendo amor com ele, e ele me dando carinho, sorrindo pra mim, sendo bonzinho comigo...

Depois eu acordo e me sinto envergonhada por ter sonhado aquilo, por manifestar carinho por uma pessoa que me maltrata tanto!

Eu confesso que algumas vezes quando ele me estupra, eu tento sentir algum prazer pra ver se isso acaba mais rápido e eu sofro menos.

- Eu não sei de bomba nenhuma... Eu não sou terrorista...

Eu falei com dificuldade, baixinho, de tantas dores que eu sentia.

Ele voltou para perto de mim, encostou o rosto bem pertinho do meu, e gritou bem forte!

- Mentira sua puta fedorenta!!! Você acha que eu to brincando com você? Você acha que alguém aqui tá de brincadeira? Eu vou te mostrar o que é sofrimento sua desgraçada!

Ele puxou um maço de cigarros do bolso direito, tirou um cigarro de filtro vermelho, colocou na boca e ficou batendo nos bolsos procurando o isqueiro.

- Cadê a porra do meu isqueiro? Geremias, me empresta a merda desse fósforo que está na mesa!

O Geremias era o policial que estava encostado no birô que fica posicionado no canto da sala, de onde é avistado logo quando se entra.

Geremias arremessou o isqueiro, que foi apanhando no ar.

Enquanto ele tenta acender o cigarro, os outros baixam a barra de ferro que me sustenta, e meu corpo toca o chão.

Assim que meu corpo encostou no chão eu senti uma alívio tremendo! Sinto, vagorosamente, o sangue voltando para as minhas mãos e para os meus dedos, como que eu percebesse ele dançando nas minhas veias.

Lentamente, os formigamentos modificam a sensação, e, aos poucos, sinto um calorzinho nas extremidades.

Me desamarraram, eu soltei o corpo no chão. Me deitei em posição fetal, e fiquei, tentando descansar.

Ele se acorou na minha frente e falou com um tom carinhoso:

- Minha querida... Diga quem botou a bomba, e a gente acaba com isso, seus amigos vão pra casa, você vai pra casa, vai todo mundo pra casa, e a gente acaba com isso aqui...

Eu tento respirar... Eu nem consigo respirar direito... Quem dirá, falar!

Estou sentindo como que alguma costela minha tivesse quebrado naqueles sopapos que venho tomando há algum tempo.

- Fale, por favor, querida... Fale... E a gente para com isso... E todos vão para casa!

E o pior era que eu realmente, não sabia nem que alguém tinha explodido qualquer coisa em qualquer lugar! Nós, simplesmente, estávamos

de saco cheio de tudo, e cabulamos uma semana de aula para acampar em Caraguatatuba.

- Acredite, eu não sei de nada, a gente, cabulou aula por uma semana pra acampar em Caraguá. Quando a gente voltou, foi presa... Foi só isso...

Eu busquei alguma força para falar para tentar fazer-me entender.

Ele olhou pra mim com cara de decepção, suspirou fundo, colocou a mão nos joelhos e levantou-se.

- Põe ela na cadeira do dragão... Vamos fritar a buceta dela!

Gritou ele levantando os braços como um garotinho de oito anos chamando os amigos pra jogar bola no campinho do bairro.

Dois deles, me pegaram pelas axilas e me levantaram. Um deles falou:

- Tá parecendo uma macaca com esse sovaco cabeludo hein!

E os dois riram. O outro emendou:

- Ei chefe, agora eu sei porque é que o senhor chama ela de fedorenta! Fede mais que macaca matada a tapa! Sebosa!

E parece que quanto mais eles falavam aquilo, mais aquilo me incomodava.

Me sentaram numa cadeira de madeira que tem no acento e no espaldar, uma chapa de aço. Essas chapas de aço são ligadas em fios de eletricidade que terminam em plugues e bateria de carro.

Amarraram meus antebraços nos braços da tal Cadeira do Dragão, como costumam chamar.

E eu não sei o que é mais forte em mim, se a dor, se o cansaço, ou o medo.

De fato não sei, mas também, pouco importa, todas as três sensações são aterrorizantes

Eu já tinha tomado choques em outras sessões, mas a cadeira do dragão, para mim, é novidade.

A chapa de aço gelada, está me fazendo tremer. O medo de tomar choque na vagina é aterrorizante.

No ânus. Eles foram minuciosos em arreganhar minhas nádegas na cadeira para minhas partes erógenas ficarem expostas ao choque.

O chefe está fumando, olhando eles prepararem todo esse cenário macabro.

Eu olhei no fundo dos olhos dele, e vi o vazio. Vi um abismo sem fim, capaz de sugar todas as energias de bondade de todas as pessoas ao seu redor.

Era um olhar de vampiro, aquele olhar sanguessuga, que se tem medo de manter o foco no abismo para que a alma não seja sugada por ele.

Mas aquela era minha última oportunidade antes que a merda fosse feita. Eu respirei fundo e tirei energia do fundo da alma, e gritei, mesmo rouca:

- Pelo amor de Deus! Eu não sei de nada, nenhum de nós sabe! Nós não somos comunistas! Nós não sabemos de bombas! Nós estávamos em Caraguá tomando banho de mar!

Ele me olha, fixamente, sem mudar em nada a expressão. E diz:

- Você não é comunista... Ok... Salomão, traz o kit dessa piranha aqui.

Estranho... Kit? Que Kit?

O policial que atende pelo nome de Salomão vai até o armário de aço num dos cantos da sala e pega uma sacola preta, parecida com um malote dos correios e entrega a ele.

Ele abre o malote na minha frente, e tira de dentro, minha mochila da faculdade.

Abre a minha mochila, e de dentro tira meu caderno. E me mostra a capa dele com uma cara de “Então o que é isto?”

Tinha um adesivo escrito LULA VIVE com a imagem do ex-presidente desenhada em contraste chapado, em vermelho e amarelo.

- O que você me diz disso então?

- Nada! Isso é só a imagem de um líder popular da primeira metade do século que implantou melhorias populares! O Lula nunca foi comunista! Era um sindicalista e sindicatos não existem em regimes comunistas, que tem por natureza o totalitarismo e a não existência de propriedade privada!

Ele olhou para mim com uma cara de desdém e guardou meu caderno de volta na mochila. Continuou revirando minha mochila e pegou a minha carteira.

E isso aqui, o que você diz?

- Minha carteira da UNE? Qual é o problema de pertencer a um grupo organizado de estudantes?

Ele se transformou! Jogou minhas coisas no chão e veio pisando duro até mim e encostou o rosto bruscamente no meu e gritou olhando nos meus olhos:

- Porque é uma agremiação de esquerdopatas vagabundos, fumadores de maconha que não produzem porra nenhuma para a sociedade e ficam pregando utopias sem pé nem cabeça por aí para destruir os valores da sociedade tradicional cristã!

Gente! De que era é esse sujeito? Pelo amor de Deus! Como é que nos dias de hoje eu ainda sou obrigada a escutar alguém falar esse tipo de coisa... Em meados do século XXI.

Quando eu ouvi esse troço, sério, por um instante até a dor da tortura passou. Ouvir esse tipo de coisa dói mais. Parece meu pai falando!

Mas isso é por poucos segundos, porque o medo desse monstro que está sob total comando de mim, me toma logo na sequência.

- Tá... Tá... Tá... Você quer que eu saia da UNE, eu saio da UNE, você quer que eu pare de falar no Lula, de colar adesivos, de lembrar dele, eu paro, prometo.

Ele fica parado olhando para a minha cara como se estivesse prestando atenção. Continuo.

- Eu paro até de cabular aula também! Mas por favor, entenda, eu não sei de bomba nenhuma! Eu não sou comunista!

Ele suspira fundo como quem demonstra fadiga, se vira e fala para um dos policiais.

- Fernando, liga a chave, vamos apreciar o cheiro de periquito assado!

Aquelas risadas assustadoras tomam conta do ambiente geral. Parece o próprio inferno tomado por demônios da pior espécie!

Eu começo a respirar ofegante, já esperando o primeiro choque.

Eu vejo o tal Fernando levando os pinos para conectar na bateria. Como que em câmera lenta. Quando os pinos vão se aproximando da bateria eu aperto os olhos e travo os dentes.

Ouço um estouro forte!

PZXTUOCH!!!

De tudo o que eu tinha passado até agora, nada se compara a isso! As correntes elétricas tomando o corpo inteiro, sem a mente conseguir pensar, sem os segundos passarem.

O tempo parece que está parado, eu não consigo saber exatamente se estou sentindo dor de queimadura em algum lugar. Acho que isso só vou saber depois!

Calafrios tomam conta de todo o meu corpo de forma enlouquecedora. Todos os músculos do meu corpo se contraem ao mesmo tempo, com pouquíssimas tréguas de relaxamento.

A respiração está difícil, mais difícil ainda.

É impossível emitir qualquer som compreensível.

Estou sentindo minha mente beirar a loucura, já não estou mais reconhecendo formas de nada! Está tudo ficando escuro...

- Para!

Comecei a tossir freneticamente. Meu corpo todo se tremia e se arrepiava sem parar. Depois do calor do choque, veio um frio súbito e calafrios constantes.

Agora eu sentia a dor de queimadura nas minhas partes íntimas. Que dor horrível!

Eu tento controlar a respiração para poder puxar fundo o ar para meus pulmões, neste intervalo em que as correntes elétricas cessaram, ao menos momentaneamente.

Me tremo inteira... E meu consciente ainda está atordoado. Com uma dificuldade terrível de respirar e de segurar as lágrimas de desespero que correm em abundância.

O choro forte, acompanhado de soluços é o que mais toma conta de mim neste momento.

Um desespero profundo, o coração em taquicardia, o frio do lugar, acompanhado da vergonha de estar nua e com as pernas abertas nesta maldita cadeira.

Cercado de sujeitos imundos que sentem mais e mais tesão em me ver sofrendo deste jeito, realizando suas fantasias sexuais mais perversas.

Ele se aproxima de mim novamente. De pé, com as mãos no bolso. Reclina-se e aproxima seu rosto do meu. Ele adora fazer isso para me aterrorizar.

- Fala querida... Quem colocou a bomba? Vamos acabar de vez com isso...

Falou comigo com a vez terna, novamente... Eu já tinha entendido qual a estratégia dele. E mesmo me assustando mais, quando ele fala desse jeito macio, comigo, eu prefiro assim do que quando ele berra.

- E... E... Eu... Na-nãose-sei! Eu já te falei, nó-nós está-távamos em Ca-Caraguá... Eu não sei de na-nada sobre bomba nenhu-nhuma!

Falei soluçando fortemente enquanto chorava compulsivamente, aterrorizada de medo, de vergonha, de dor, e sem saber quando isso vai acabar.

Ele quer uma resposta que não posso dar! O que ele quer que eu diga? Que sou comunista? Que sou terrorista? Que sei de qualquer bomba que tenha existido?

- Se-Se-Se eu so-soubesse já-já teria lhe di-dito! Po-por favor... Acredi-dite!

Ele suspira fundo, coça o queixo com a mão direita, esfrega a barba com a mão espalmada, arqueia as sobrancelhas, suspira fundo, joga a cabeça pra baixo se vira e ordena:

- Fogo! – estralando os dedos de uma das mãos.

Sinto outro sopapo na cadeira, e outro estrondo. Um arrepio geral acompanhado com calafrios toma o meu corpo inteiro de uma só vez.

Começo a gritar freneticamente, e não consigo ouvir meus próprios gritos. Simplesmente entrei em um frenesi, com todos os meus órgãos reclamando por dentro.

E meu coração que já perdeu o compasso faz tempo, faz questão de não conseguir mais marcar as batidas do meu coração de forma normal.

Todo o meu corpo se debate em espasmos e eu já perdi o controle sobre toda a musculatura, que já sinto se contrair e se relaxar sozinha.

A sede aumentou, minha boca está mais e mais seca. Estou sentindo o cheiro de carne queimada, e sei que é de minhas partes íntimas e de minhas costas que estão ligadas diretamente na chapa de aço.

Abri meus olhos que estavam contraídos do desespero, e passei a ver, novamente, todas as coisas ao meu redor. Mas muito embaçado e turvo.

Agora, só ele que não ri, pelo que posso perceber. O rosto dele começa a se transformar na minha mente, essas alucinações sempre acontecem quando a dor já está ficando insuportável.

Eu me tremendo toda nesta agonia, aqueles monstros se divertindo com minha aflição e minha humilhação.

O ar dos meus pulmões acabaram, eu não consigo mais gritar, tento buscar ar, e só o que sinto é um pouquinho vir raspando garganta adentro, sem saciar minha necessidade de oxigênio.

Olho para ele novamente, que parece ter mudado o olhar, que já parece de dúvida, enquanto me assiste gritar e olha fundo nos meus olhos, que pelo que percebo, são capazes de transmitir todo o desespero que estou sentindo.

Minha vista está voltando a escurecer gradativamente, já não sinto mais, tanta falta de ar. Posso sentir uma sonolência gostosa tomando conta de mim, e meu pescoço pender para trás.

- Aaaahhhhhh!!!

Outro estrondo mais absurdo ainda! Fui atingida no corpo todo por um balde água gelada que potencializou o choque, mas também ajudou a esfriar o meu corpo que eu já via fumegar quase que por inteiro.

Respirei fundo do susto, e demorou de eu conseguir soltar novamente o ar. Como uma criança que leva um tombo bastante forte e puxa o ar com toda a força para chorar.

E o ar ficou preso dentro de mim por vários segundos, até que eu desatei a gritar novamente, como uma louca desvairada, que já estava ficando.

Eu estou beirando a loucura, e isso não é segredo para ninguém que está vendo as minhas condições.

Minha cabeça gira em busca de qualquer direção possível onde eu possa encontrar algo.

A minha vista percorre todo o ambiente à minha volta.

Desta feita, eu estou sozinha na sala de tortura com aquelas bestas possuídos pelas almas mais lúgubres de toda o inferno.

Que mais parecem terem sido expulsas de lá pelo próprio Satanás que não aceita concorrência para o cargo de senhor da maldade.

Tento olhar para alguma coisa que me faça manter a mente acesa.

Posso ver no meio do teto, pouco mais de um metro em linha reta à minha frente, uma lâmpada incandescente de poucos Watts.

Já fragilizada pelo longo uso, e um tanto fosca e empoeirada, com a luzinha acesa dentro dela, como se fosse a chama de uma vela dentro de um vidro.

Este, empoeirado e engordurado do tempo de uso e falta de higiene, que, com certeza é proposital, para que aquele lugar fique ainda mais inóspito e agressivo aos olhos.

A lâmpada está dependurada por dois fios pretos, também engordurados e empoeirados, e, do bico de energia onde está conectado, é possível ver os conduítes amarelos de onde saem os fios.

Continuei percorrendo a sala, e vi algo em cima da mesa. Parecia um livro. Mas não consigo ler o que está escrito nele. Um livro de capa azul e letras vermelhas.

Não consigo focalizar. Minha vista está turva. Espremo os olhos, tento ver... E aos poucos vou conseguindo focalizar um pouco e consigo perceber umas letras maiores.

Não consigo ler... Isto é frustrante!

- Aaahhhhh!

Outro balde d'água em cima de mim, outro estrondo, e escuto:

- Pára! – Ele grita, e a energia é, imediatamente desligada.

Abaixo a cabeça... Agora já consigo respirar um pouco melhor. Depois da pancada do balde d'água em cima do meu corpo, que impulsionou-o pra cima e deslocou-me por uma fração de segundo do assento.

Parece explosão de fogos de São João, todas as vezes que essa lapada de água bate no meu corpo quente e eletrocutado.

Mas desta vez, pelo o menos me ajudou a respirar e aliviou as dores das queimaduras.

Os calafrios já nem me assustavam tanto, a dor das queimaduras na minha vulva e no meu ânus já tomavam mais conta do meu consciente.

Assim que a eletricidade foi cortada, novamente, voltei a chorar desesperadamente, com dores terríveis pelo meu corpo todo, e meu coração chacoalhando como que querendo fugir do meu peito.

Me tremo por inteira, sem cessar. Sinto uma dor imensa do meu peito, como que uma mão apertasse meu coração com muita força.

Os espasmos musculares fazem com que toda a musculatura do tórax doa muito, eu sinto muita dificuldade de respirar.

Sinto contrações por todo o corpo, e agora meus dedos começaram a se contrair para dentro, como se eu estivesse sendo tomada por alguma entidade maligna.

As dores são muito grandes, não consigo abrir minhas mãos, e as juntas das minhas munhecas doem muito.

Estou sentindo imensas dores na minha panturrilha e coxas, geradas por câibras fortíssimas.

Durante algum tempo, pairou um silêncio, que não me souu tão amedrontador... Parece que minha sorte estava em discussão ali.

Tentei erguer a cabeça para olhar pra ele. Mas estava com medo de olhar no fundo daqueles olhos insanos. Estou envergonhada.

Não sei o que faço primeiro, se respiro, se soluço, se choro, se tento engolir, em vão, saliva, na minha boca que está extremamente seca.

Não sei o que quero. Eu só queria não estar aqui.

Senti o barulho de um fósforo riscando. Um cheiro de cigarro sendo aceso.

- Á-água... Á-água... por favor...

Falei com a voz quase não saindo.

O policial que atende por Simão falou com raiva!

- Que água o que sua arrombada! Se você quiser, vai beber mijo no gargalo!

E foi se levantando e abrindo a braguilha da calça.

- Ei! Encosta nela que eu toco fogo em você vivo, seu filho da puta!

Ouvi o manda chuva gritar com ele, enquanto saía fumaça de sua boca, do trago de cigarro interrompido.

- Chefe?

Disse Simão com o olhar apreensivo, meio que sem entender o que estava acontecendo e semi-abrindo os braços até a altura da cintura.

Ele deu mais um trago demorado no cigarro. Predeu a fumaça no peito e voltou a falar enquanto soltava-a.

- Já disse que essa aqui é minha. Alguém que por ventura tocar nela, já deixe o testamento pronto. Porque eu vou descobrir. Essa é minha última palavra com relação a isso.

Eles se entreolharam apreensivos, mas não discordaram. Eu percebi que aquele cara tinha autoridade.

Agora estou, no mínimo, curiosa!

Por que ele se posicionou daquela forma? Fiquei pensando se era algum tipo de procedimento padrão, mas depois refleti a respeito da estranheza dos outros policiais.

Eles não acharam natural aquela atitude, também ficaram estupefatos!

Então o que ele queria?

Será que ele está começando a se convencer de que eu realmente não saiba de nada da tal bomba?

O silêncio tomou conta da sala de novo.

Ele anda de lá para cá e daqui pra lá, quase que em círculos, parecendo meditar... Refletir...

O cigarro dele está chegando ao meio.

Ele traga mais uma vez, solta a fumaça para o alto, segurando o cigarro à altura do peito, com a mão direita.

- Dê água para a garota.

Os homens se entreolham e ficam parados.

- Eu mandei dar água para a garota, porra! Qual de vocês aqui, não entende português? Ah! Me esqueci, vieram do supletivo, seus boçais! É isso que dá o Estado fazer concurso “*pega bêbado*” para contratar agentes!

Um deles se levanta, não vi qual deles era. Nem quis olhar para o rosto. Enche um copo d’água, em um suporte para água mineral que fica perto da porta.

Ouvi até o barulho que o galão de água faz, quando o ar sobe e a água desce para a base.

O som daquela água caindo no copo é extasiante, ainda mais pelo fato de eu saber que ela vem para mim.

Não sei quanto tempo faz que eu não tomo água. Mas já faz um bom tempo!

Ele veio caminhando em minha direção, quando todos ouviram a última recomendação.

- Dê a água com cuidado.

Eu levantei a cabeça, esperado o copo encostar nos meus lábios, e ao mesmo tempo, com medo de que ele derramasse minha água no chão de propósito, para me maltratar mais.

Ergui o rosto, mas não olhei na cara do agente. Meus olhos ficaram vidrados no copo, e no brilho daquela lâmpada incandescente, refletida no espelho d'água.

Eu estou me tremendo inteira, inclusive os lábios. E estou com dificuldades de manter as mandíbulas sem baterem constantemente.

Vejo esse copo aproximando-se da minha boca, milímetro a milímetro, e me sinto extasiada a cada momento que percebo que aquela água é, realmente, para mim.

Abro um pouco os lábios para provar da água, e a borda do copo descartável encosta nos meus lábios.

O agente vai virando o copo com cuidado.

Vai virando, virando, virando... E vou sentindo aquela água deliciosa, friazinha, tomando a minha boca, descendo pela minha garganta,

lubrificando toda ela que já estava terrivelmente desidratada, há algum tempo.

Percorrendo o meu esôfago, lentamente, até chegar no meu estômago. Refrescando tudo por onde passa e me dando uma sensação de prazer, inigualável!

Eu nunca imaginei que um simples copo d'água pudesse me proporcionar tanto prazer!

O Guarujá, sempre foi um lugar maravilhoso. Mas, aquela noite ali era mágica!

Já estava anoitecendo quando chegamos lá. Fomos caminhando do Campus até a orla e de lá fomos até o Ferry Boat, aproveitando para chutar as ondas do mar que vinham quebrando na margem.

Eu queria ver o pôr do sol, no mar. Fazia anos que não via isso! O que é um privilégio de morar à beira do Atlântico, ver o sol nascer no mar.

O que pra mim, é mais emocionante que vê-lo se pôr no mar. Se bem, que eu adoraria morar em uma ilha, só pra poder ver as duas obras de arte da natureza todos os dias.

O nascer do sol é uma coisa fascinante, é um verdadeiro espetáculo de Deus! Uma tela em movimento que Ele pinta todos os dias para alegrar os nossos olhos.

É um evento esperado por toda a natureza! Pelas plantas, para se alimentarem, pelos os pássaros com hábitos diurnos que fazem uma festa todas as manhãs celebrando sua chegada, antes mesmo que apareça.

Pelos os pescadores, indicando que é hora de voltar do mar. Pelo o operário que sabe que seu dia de luta começa mais uma vez.

Pelos os boêmios, sinalizando a hora de dormir. Para as muriçocas que sabem que é hora de se esconder.

Mas hoje, eu estava preocupada em assistir o espetáculo do pôr do sol no Guarujá. Atrás das montanhas lindas da Serra do Mar, enquanto colore a água e o céu.

Com seus tons violetas, amarelos e rosados. Desaparecendo, bem devagarinho, por trás daquele manto verde aveludado maravilhoso, preservado em sua quase plenitude, feliz e aconchegante.

Parecíamos duas crianças brincando na água. Eu correndo atrás dele na praia, e ele correndo atrás de mim, nos embolando naquela areia fina.

A gente já tinha caminhado quase uns três quilômetros até chegar na orla, porque ainda passamos num mercadinho pra comprar uma Pitú e um mel, pra fazer meladinha.

Pegamos também uma garrafinha de água mineral para misturar os dois e guardar de uma forma que desse pra consumir por mais tempo, sem nos preocuparmos em segurar copo.

A gente estava com mochila, então aí é mais confortável para guardar qualquer coisa.

Aquele vento gostoso de final de tarde, no litoral norte de São Paulo, é algo, simplesmente maravilhoso!

O céu ficando dourado, e a gente correndo e pulando pra lá e pra cá. Rindo, se divertindo, pulando!

- Olha! Que lindo!

- Uma estrela do mar!

Eu disse a ele quando avistei uma, maravilhosa, que repousava ali na areia da praia e insistia em ficar por lá, mesmo que as ondas viessem, com insistência, buscar.

Saí correndo na direção dela, acocorei e peguei na mão.

- Nossa! Que linda!

Toda cheia de detalhes, parecia até aquelas de resina que a gente compra em lojas de *souvenir*.

Mas aquela era real!

Aproximei-a do meu nariz para sentir o cheiro. Sempre gostei daquele cheirinho de mar que fica nas conchinhas, logo que a gente apanha elas.

Agarrei-a para mim, com as duas mãos e levantei-me. Mostrando para ele com um sorriso imenso no rosto e com o olhar fagulhando da alegria daquela tarde mágica.

- Você como cientista do mar, vai dar uma boa depredadora hein!

Disse ele sorrindo?

- Por que?

Eu perguntei, meio que sem entender...

- Porque não se pode retirar coisas da natureza porque...

- Ahhh! Deixa de ser chato, seu fofo! Não estraga o dia!

E ficamos rindo igual bobos olhando fixamente, um nos olhos do outro.

Ele se conteve, e me deixou comemorar a estrela.

- Olha que coisa linda! Você sabe qual é a lenda da estrela do mar?

- Lá vem você com as mitologias Tupi! – Ironizou sorrindo.

- E daí? Não tem gente que acredita que uma cobra falante convenceu Eva a oferecer um fruto pra Adão?

Ele fez cara de curioso. Como quem diz: “É mesmo!”.

- Escuta só que linda!

Disse isso a ele com tanta empolgação, mas com tanta empolgação, e dando alguns pulinhos, que foi inevitável ele dizer:

- Tá bom... Diga!

Me respondeu com um sorriso terno, dobrando levemente a cabeça para o lado, e mantendo os olhos fixos nos meus!

- Ehhh! Então vamos nos sentar aqui de frente para o mar, ficar olhando as ondas quebrarem enquanto eu te conto.

- Tudo bem...

Nós procuramos algum lugar perto da água que estivesse, relativamente seco. Nos sentamos de frente para o mar e comecei a narrar.

Naquele momento o sol já começava a se pôr, e a lua já começava a aparecer no céu, mesmo com a luz do sol ainda presente.

Naquela paisagem de beleza indescritível, que o máximo que se pode fazer, é relatar o mais fascinante, e permitir que a imaginação, do outro, construa o restante do quadro.

As nuvens rajavam o céu daquela tarde maravilhosa.

Revoadas de pássaros se juntando com a orquestra do mar, e aquela maresia tomando conta de nossas narinas, com a pele grudando já, de tanto sol, sal e suor.

O vento que vinha do mar ia agitando nossos cabelos para trás. Tão forte e tão gostoso, como que limpando tudo que havia de negativo nas nossas mentes.

A sensação que eu tinha era de pura plenitude, força, era como se naquele momento eu me sentisse a garota mais poderosa e forte do mundo!

Sem medos. De verdade. Sem medos! Sem culpas!

Ali eu não sentia o olhar de nenhum daqueles inquisidores me sondando e me fazendo acreditar que seus conceitos e preconceitos pudessem ter qualquer autoridade sobre a minha vida.

Antes de começar a contar, a gente ficou ali, parado na areia, em silêncio, apenas olhando para o mar, enquanto eu brincava com a areia seca da praia com minha mão.

Enchendo-a de areia, e depois abrindo os dedos para que elas escorressem por entre eles. E eu ficava observando aqueles grãos de areia se *auto-ajustando* ao espaço para que pudessem fugir do aprisionamento.

As pessoas deveriam ser bem assim. Pensava eu.

Ele estava sentado ao meu lado, com as pernas esticadas e um pouco abertas. De bermuda e sem camiseta, apoiado nas mãos que estavam dispostas para trás do corpo.

Parecia estar esperando eu começar, enquanto apreciava aquele cenário maravilhoso, que eu tinha certeza que jamais se repetiria.

Afinal, cada momento é único! E acontece quando o universo planeja. Por isso, aprendi a não desperdiçar oportunidades de ser feliz.

Respirei fundo e relaxei sobre os meus ombros. Eu estava sentada com as pernas cruzadas, encolhidas, como gosto. Apoiando meus joelhos sobre meus pés.

Comecei:

- Essa história aconteceu há muitas eras atrás, depois que Tupã e Arasy já haviam criado todas as coisas na Terra, e tinham ido embora viver o seu amor eterno.

Os antigos contam que existia um grãozinho de areia na praia, bem pequeno, que ficava ali, parado, olhando para o céu, contemplando a sua grandeza.

Lembrando da quantidade de tempo que estava ali, e de quanta coisa poderia haver lá longe dele, naquela infinidade de estrelas e corpos tão luminosos e belos.

Certa noite, olhando para o céu, ele viu uma estrela, brilhando bastante, toda sapeca, bem pequenininha lá longe no céu.

Foi inevitável, apaixonou-se por ela!

Mas ele estava tão distante, e ela tinha tanto brilho, e ele? Ali, sem brilho algum, sem graça alguma, sem ter como atravessar as estrelas e ir atrás de seu grande amor.

Ele era poeta, e sonhador, e não viu empecilhos para ir atrás de seu grande sonho de amor. O que tinha a perder, afinal?

E começou-lhe a escrever versos e recitar para ela, noite após noite.

As palavras que o grão de areia dizia para a estrela eram tão belas, profundas e cheias de sentimentos sinceros, que a estrela, mesmo estando perto de astros tão brilhantes e maiores que o pequeno grão de areia, se apaixonou por ele.

E agora os dois desfrutavam de um imenso, porém, triste amor à distância, há milhares de anos-luz um do outro.

Mas o amor resistia, e todas as noites que ela vinha brilhar para ele, o grãozinho de areia recitava os mais lindos versos de amor para ela, que ficava ali em sua companhia durante toda a noite, até o brilho do sol ofuscar lhe.

Um dia, Tupã, encantado com a linda história de amor, do grão de areia e a estrela, concedeu-lhes um desejo.

E eles pediram para ficarem juntos para sempre.

Tupã, atendendo o pedido dos apaixonados, transformou a estrela do céu em estrela-do-mar, para que pudessem ficar juntos por toda a eternidade...

- Linda né? – Eu perguntei a ele depois de suspirar profundamente, sacudir as mãos que estavam cheias de areia e copiar a posição em que ele estava sentado.

- Puxa vida! Linda! Nunca tinha ouvido essa história...

Disse ele, depois de suspirar fundo também. Continuou.

- Nunca conheci uma garota que cultivasse tanto amor no coração, e tanta esperança, quanto você, pelo o menos, depois de ter saído do primário.

Eu ri.

- Acho que você nunca procurou ouvir o que as garotas realmente sentem e pensam... A maioria de nós é muito amorosa, pelo o menos no início. Depois é que desistem de sonhar de tanto sofrerem nas mãos de garotos que não enxergam isso, ou não querem enxergar.

Percebi que minha resposta o deixou pensativo. Nasceu um silêncio meio mórbido. Decidi ficar quieta. Meu leãozinho ali, perto de mim, já era o suficiente por hora.

E quieto era tão bonitinho! Não precisava nem falar! Dava vontade de fazer uma miniatura dele e colocar na minha estante!

- Você acha que é possível? – Ele quebra o silêncio.

- O que?

Fiz uma pergunta retórica, só queria mesmo ouvir a voz dele me perguntando aquilo.

- Que um amor sobreviva apesar dos pesares, não importando a distância, nem o quanto se é inferior àqueles que desejam o mesmo que você?

Eu sorri com ternura.

- Não é o que os outros desejam que tornam ou não possíveis nossas escolhas, e sim, o quanto somos sinceros quanto àquilo que queremos, com aquele que amamos, e, principalmente, conosco mesmos...

O silêncio voltou, novamente...

Passamos ali, alguns segundos olhando para o mar, apenas vendo e ouvindo as ondas quebrarem, presenciando aquele espetáculo da natureza, antes que o pôr do sol terminasse.

- Mas... Não entendo... Como assim? E quando a gente quer e não consegue, mesmo sendo sincero?

Sorri ternamente, novamente e respondi com uma pergunta:

- Você já ouviu falar de “Alquimia”?

Ele fez uma cara de estranheza na mesma hora, e me perguntou.

- Você acredita que é possível alguém transformar chumbo em ouro?

- Sim! Respondi sem hesitar. Mas não dessa forma mágica, material e instantânea, como a maioria das pessoas acredita que é.

Parece que quanto mais eu explicava, mais ele ficava confuso... Mas era isso mesmo que eu queria, provocar a discussão, despertar a curiosidade nele.

- Como isso é possível?

- É simples. Primeiro a gente tem que entender a simbologia das palavras. O chumbo é um metal barato e que faz muito mal à saúde.

- Sim, disso eu sei.

- E o ouro, é extremamente o seu oposto.

- Claro... – Disse ele balançando a cabeça, ora para um lado, ora para o outro, como quem diz: “Isso é óbvio”.

Continuei.

- A grande diferença entre nós humanos, e os minérios, é que nós temos uma linha de comunicação direta com o Universo, que apenas espera que digamos a ele o que queremos, pra ele nos devolver.

- Hã?!?

Desatamos a rir por alguns segundos.

- Tá, eu só vou te escutar porque você ainda não fumou nada e o efeito da cachaça já passou faz tempo, pelo o menos em mim... Vai lá! Fundamente...

- Tá bom... – Falei sorrindo enquanto olhava ternamente nos olhos dele que e devolvia uma feição de curiosidade. – Vou te propor uma reflexão. Posso?

- Ué? Vá lá! Reflexões sempre são boas...

- Ok! – Disse eu enquanto me posicionava de frente pra ele para começar a explicar. – Como você se vê?

- Ahhh... Sei lá! Como assim?

- Ué! Como você se vê! Onde é que você se enquadra nessa sociedade? Como você acredita que vai contribuir com o mundo, essas coisas...

- Bom... Eu nunca parei pra ficar refletindo muito a respeito dessas coisas não... Meu pai é que vive dizendo que somos como engrenagens para uma sociedade que deve funcionar bem como um relógio.

- Uuuhhuuu!!! Prêmio careta do dia para o seu pai! – Falei isso enquanto levantava e começava a pular em tom de sarro.

Ele ficou olhando para mim com uma cara de “O que foi que eu disse de tão engraçado?”. E ainda sentado, só que agora com um dos joelhos dobrados para cima com o cotovelo apoiado nele e o antebraço caído de lado com a mão relaxada.

- Que foi que eu disse de tão engraçado?

Eu percebi que ele ficou sem graça então resolvi parar com a brincadeira. Mas ainda sorrindo, me deitei ao lado dele.

Já começava a anoitecer e Vênus já havia aparecido no céu como se fosse uma praticante de Kitesurfe, e a lua crescente fosse sua “pipa”.

- Você vê aquela luz azul piscando ali, a sudeste da Lua?

- Sim... Claro!

- Bonita né?

- Sim... Todas as estrelas são... – disse ele dando pouca importância para o que eu falei.

- Verdade... Todas as estrelas são bonitas... Ocorre que ela não é uma estrela...

- Como assim, não é uma estrela? E é o que?

- Um PLA-NE-TA! Oras...

- Planeta?

- Sim! Um planeta! Ali é Vênus, a Deusa do AMOR, a dama da noite, a primeira de todas... O planeta mais próximo da terra e o primeiro que verá todas as noites de sua vida, ao olhar para o céu limpo.

- Ok... E como você sabe que é um planeta? – perguntou ele, agora, mostrando-se interessado pelo assunto.

- Você vai me dizer...

- Ah... Aí é covardia! A astrônoma aqui é você!

- Ahhh ta! Você é veterano em Engenharia, querido... Você não gosta de Física? Física e Astronomia andam juntas, você nunca viu a grade da USP?

- E eu ia fazer o que na USP? Eu queria era fazer Engenharia de Petróleo pra entrar na Shell e ir embora da porcaria deste país, que eu já estou de saco cheio daqui!

- Tá... Mas você gosta de Física...

- Pra falar a verdade, eu decoro as fórmulas e lembro do blá, blá, blá pra passar nas provas e é só! A vida inteira fiz assim e deu certo...

- Nossa... Que chato... – Respondi pra ele fazendo cara de “nojinho”.

- Chato por quê? A maioria faz a mesma coisa...

- Deve ser por isso que o país tá desse jeito... – Sussurrei.

- O quê?

- Nada... Não to afim de estragar a noite mais linda da minha vida falando sobre política. Você quer entender o porquê de eu gostar tanto de Física?

- *Voi lá!* – Disse ele estirando os braços, em uma irônica reverência em sinal de permissão.

- Olha para aquela “estrela” que não é uma estrela, e sim, um planeta, e tenta identificar qual a diferença entre elas.

- Ahhh não... Fala vai!

- Aí não vai ter graça! – Disse eu abrindo os braços.

Ele ficou olhando pra mim, ainda sentado, e disse bem expressivamente e como se fosse uma criança de cinco anos que a mãe convence ele a comer brócolis prometendo um saco de marshmallows pra depois do almoço:

- Tá booom!... – e se jogou na areia da praia, de costas,, com os braços dobrados atrás da nuca, fazendo um travesseiro, e ficou olhando para o céu.

Alguns minutos se passaram. Acho que mais de cinco.

Fiquei surpreso com a perseverança dele quando se propunha a fazer algo.... ERA IMPRESSIONANTE!

Não imaginei que ele fosse ficar mais de trinta segundos olhando para o céu.

- Já sei! – disse ele saltando do chão, sacudindo a areia do corpo e vindo em minha direção entusiasmado como uma criança quando aprende a fazer MDC.

Fiquei surpresa! Confesso.

- Devido ao fato de a luz ser emitida por uma estrela e refletida pelo planeta, que está milhões de anos de luz mais próximo da Terra, sua luz é constante como a luz da lua.

- Hum... – Exclamei atônita enquanto esperava ansiosa o fim da resposta.

- Já a estrela, por ser composta de gás e sua produção de luz ser não uniforme, assim como o fato de terem planetas em sua órbita, faz com que pareça que ela fica PISCANDO.

Arregalei os olhos para receber a conclusão.

- A estrela pisca, o planeta não! Aha!

Fiquei olhando ainda mais encantada para aquele garoto lindo, que a cor dos olhos mudava enquanto o sol ia embora, mas o brilho permanecia intenso e sereno.

Aquele brilho no olhar de garoto inocente me encantava tanto... Mas, tanto! Ai que vontade de pular nele, dar um beijo e enroscar minhas pernas na cintura dele enquanto ele me gira, meu Deus!

- Isso! – gritei entusiasmada!

De repente, o olhar dele de alegria pela descoberta, converteu-se num instante em outro olhar de dúvida.

Mas, e o que isso tem a ver com a nossa discussão principal a respeito de minérios, homens e consciência?

- Bobinho... O AMOR é o primeiro que chega, e o último que vai embora. A LUZ CONSTANTE é uma Deusa, enquanto as INTERMITENTES são meros números catalogados com códigos para diferenciá-los.

- E...?

Ele parou e ficou olhando para mim como que esperando uma conclusão.

- Ahhh... Pára! Você já concluiu, você é inteligente! Só não quer falar porque tá achando bobo... – eu respondi cruzando os braços e fazendo bochechão de menina chorona.

- Sério... Pode ser que eu tenha entendido, mas eu interpretei do meu jeito, quero saber o que VOCÊ QUER ME TRANSMITIR.

- Tá... – disse eu soltando os braços, respirando fundo e olhando para os pontos cardeais, sem rumo, para entender uma forma de explicar.

Ele ficou ali, ainda, parado, olhando pra mim... Sério... Eu não iria conseguir explicar nada com aquele fofo me olhando daquele jeito.

Mas, eu também não poderia matar a conversa agora, estava tão bom... Eu estava gostando tanto daquele isolamento...

Sei lá... Eu nunca conversado com um garoto que me desse atenção por tanto tempo.

A maioria do tempo, na escola, ou no trabalho, que seja, o que mais se vê é garoto do “miolo mole”, que se acha a última Coca-Cola do deserto e que sempre ta atrás de uma nova aventura pra contar para os amigos.

É por isso que teve um momento da minha adolescência que eu pensei em me declarar “*asssexuada*”.

É... Afinal, o que os garotos não conseguiam fazer por mim, eu fazia melhor que eles, sozinha, e ainda não tinha que agüentar o anencefalismo deles e as conseqüências que esse convívio traria.

Sei lá... é uma coisa interessante que acontece na cabeça das pessoas que parece que as impossibilita de pensar e refletir a conseqüências de suas ações, ou, simplesmente as conseqüências não importam pra eles.

Principalmente quando o que está “em jogo” é provar a sua virilidade para os outros amigos idiotas que usam camisetas com armas estampadas nas costas.

Eu me lembro de uma colega da escola que era toda popular.

Ela olhava para mim com um desprezo tão grande!

Eu não sabia o que tinha feito, na minha humilde, curta,, e, já, desgastante, existência para ela ter tanto nojo de mim.

De verdade, às vezes eu ia até o banheiro para ver se eu estava fedendo, ou suja, ou se alguém tinha colado chiclete no meu cabelo, para aquela menina ter tanto asco de mim.

Ela, o que tinha de nojenta, tinha de linda! Então, imagine a modelo fotográfica!

A família dela, obviamente tinha mais dinheiro que a grande maioria da escola, isso se estampava nas roupas e tênis de marca que ela usava, brincos, materiais escolares, maquiagem, etc... etc...

Todos os garotos da escola queriam ficar com ela, e muitos faziam de tudo, até mesmo humilharem-se pra ela, o que parece que ela tinha o maior prazer de exponenciar.

Ela ficava com os meninos mais bonitos e mais playboys da escola.

Sempre com olhar de superioridade e acompanhada de “amigas” que viviam tentando imitá-la, e etc.

Eu virava o rosto todos os dias que ela chegava, e já sabia a hora que ela chegava, por isso, procurava nunca ficar perto do portão da escola para vê-la chegar.

Se fosse pra vê-la que já fosse com aquele monte de “periguetezinhas” que a rodeava e dentro da sala de aula, que pelo o menos eu tinha pra onde olhar e me entreter.

Digo entreter, porque parece que quanto mais a gente detesta alguma coisa, mais parece que nosso cérebro presta atenção.

Quer ter uma idéia? Esteja tomando sorvete e dê uma topada com o dedo mindinho!

Você passou dez lindos minutos sentindo o prazer maravilhoso do sorvete refrescando o corpo por dentro, que deu até preguiça, a dor pior da topada dura SEGUNDOS!

Mas, eu tenho certeza que quando chegar e casa, a primeira notícia não vai ser o sorvete, e sim a dor da topada!

Teve um dia que estava chovendo, e como boa parte do pátio da escola era descoberto, todos buscavam abrigo no intervalo.

Eu percebi, afinal, impossível de não se notar que a “indigesta” não tinha ido para a escola naquele dia.

- Deve ser pra não sair a chapinha! – Pensei... Humor negro!
Sorri.

Eu estava acabando de sair da cantina, onde havia comprado meu lanche. O de sempre, uma coxinha e uma Coca-Cola.

- Bem gelada, tia Marly, por favor!

- Claro querida! Você sabe que a sua, meia hora antes do intervalo, eu enrolo no guardanapo molhado e ponho no congelador, pra ficar do jeitinho que você gosta!

A tia Marly era um amor comigo. Também, me viu crescer...

Desde criancinha eu estudo na mesma escola, e, acho que já faz uns dez anos que eu como o mesmo lanche quase “todo o santo dia”.

Ela sempre guarda pra mim.

Tua Marly era casada com um carinha baixinho e gordinho que vivia sorrindo e contando piada.

A gente via, na feição de Dona Marly, a alegria de viver.

Era um casal de baianos de Vitória da Conquista.

Eles viviam falando do Festival de Inverno que tinha na Bahia.

- A Bahia é tão chique, que além de tropical, com praia e caatinga, ainda tem Festival de Inverno com frio, nas montanhas de Vitória! “Ó pai”!

Sempre sonhei com um amor assim pra minha vida...

Ahhh dane-se ar-condicionado, roupa grudada nos couros, batom na cara, reboco, massa corrida, sombra, luz, gloss... QUE MERDA!

Pelo amor de Deus, quem diabos inventou que mulher gosta de usar salto-alto? Se equilibrar naquilo é fácil, quero ver você ir com ele pra um show do Iron Maiden e entrar na roda de bate-cabeça com ele!

Eu não entendia porque deixar trezentos reais todos os finais de semana na mão da cabeleireira que me faz fofoca e me informa de coisas fúteis, enquanto eu com esse dinheiro poderia fazer feira na livraria!

E eu venho cá com meus pensamentos vindo da cantina naquele dia chuvoso, e, por onde eu passava, via movimentação estranha.

Grupinhos, reunidos por todos os cantos da escola, vendo algo no celular e, quando eu passava, viravam a tela, disfarçavam, escondiam o que estavam vendo e esperavam eu ir embora.

Fui achando esquisita aquela movimentação.

Sempre do mesmo jeito. Eu que sempre fui sozinha na escola, por opção, claro. Sempre pensei que “antes só, do que só duas vezes”.

Mas eu ainda me comunicava com algumas pessoas.

Tinha o Pedro que era um garoto legal, eu sempre que estava afim de conversar com alguém, o procurava, muito educado, inteligente, e como eu, NERD e solitário.

Fiquei rodando a escola atrás do Pedro, e nada do garoto. Será que ele tinha faltado também?

O pior é que pessoas como nós são difíceis de serem encontradas, quando não queremos ser vistos, somos bons nisso.

Sabemos desaparecer com uma habilidade tão grande que até os Deuses duvidam!

Então, o Pedro, pra encontrá-lo, eu deveria procurar onde TODOS os outros garotos jamais estariam.

Fui pensando, descarta a quadra, ele detesta suar, ainda mais correndo atrás de bola. Descarta o pátio, ele detesta ser visto. Cantina nem pensar, não come nada feito na rua.

As opções estavam ficando escassas, me restaram apenas três lugares: biblioteca, laboratório de informática e sala de aula.

Sim... Passar o intervalo na sala de aula é a melhor coisa pra pessoas que, simplesmente, detestam até sentir o cheiro de outras pessoas. Eu não sou tão radical assim, mas ele... Ele é um verdadeiro EREMITA!

O que ele vivia me dizendo é que no dia que encontrasse um jeito de produzir Doritos e Coca-Cola, nunca mais voltaria para a sociedade.

Bati os três lugares... Nada!

- Pronto! - Pensei. - Tô arruinada!

E o pior era que se o negócio fosse mesmo a meu respeito eu nunca iria saber, pelo o menos, não hoje, as pessoas não me contam nada. Acho que por eles não me virem enturmada com ninguém, pensam que sou “dedo-duro”.

O único lugar, que eu não procurei, onde um NERD poderia estar a esta altura do campeonato, seria na sala dos professores, enchendo o saco do professor de Física.

Bom... Lá vou eu na captura do sujeito em respeito aos meus instintos femininos. Afinal, CURIOSIDADE é a força motriz da nossa derrota!

Eu fico pensando, às vezes, o que teria acontecido, se, quando

O céu ainda estava um azul turquesa muito bonito! Escurecendo cada vez mais, enquanto a Treta das Brisas acontecia na nossa frente.

--- Colocar o trecho que está no outro computador ---

Enquanto ia escurecendo, eu me aconcheguei no tórax dele e fiquei ali deitada, ouvindo sua respiração limpa, sentindo o seu cheiro e recebendo o carinho da ponta de seus dedos em minha nuca.

As estrelas iam aparecendo mais e mais a cada instante, magicamente, enchendo o céu de luzes.

Eu olhei para ele, que olhava para o céu, como que visse o maior dos espetáculos. Parece que ele nunca tinha parado para fazer isso.

- Psiu! Leãozinho! – Sussurrei para ele o tirando de sua concentração tão profunda. Falei sorrindo, e ele me devolveu outro sorriso.

- Fala minha Leoa...

- Desde que a Deusa abriu a noite

